

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

“POR QUE SERÁ QUE NÃO VINGAM AQUI OS CYPRESTES?”

Reflexões em torno do progresso, da saudade e da memória em Uberabinha de 1920

MARIA CLARA COSTA PEREIRA

Uberlândia/MG

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

“POR QUE SERÁ QUE NÃO VINGAM AQUI OS CYPRESTES?”

Reflexões em torno do progresso, da saudade e da memória em Uberabinha de 1920

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Graduada em História.

Orientadora: Prof. Dra. Mara Regina do Nascimento.

Uberlândia/MG

2017

Resumo

Este trabalho procura investigar a relação entre a ideia de progresso, o sentimento da saudade e a produção de memória por meio da interpretação de documentos do jornal *A Tribuna* entre os anos de 1919 a 1926 em Uberabinha, cidade do interior do estado de Minas Gerais (Brasil). Meus argumentos tomam como base o estudo sobre o processo de transformação da vida em sociedade, em especial, da sensibilidade urbana e das relações entre o ser e o tempo, através da dinâmica de articulação valorativa entre as dimensões temporais (passado, presente e futuro). Minha hipótese é a de que a modernização proporciona diferentes experiências sensíveis, as quais a saudade é um dos signos de crítica, resistência e projeto social frente à realidade individualista, mecanicista e anestesiante. Este exercício reflexivo se situa nos interstícios da história local, história e imprensa, história e sensibilidade, e história e memória.

Palavras-chave: Memória, progresso, imprensa, saudade.

Abstract

This paper seeks to investigate the relationship between the idea of progress, the feeling of saudade and the productions of memory through the interpretation of documents of the news paper *A Tribuna* between the years 1919 to 1926 in Uberabinha, city in the interior of the state of Minas Gerais (Brazil). My arguments are based on the study of the process of life transformation in society, especially the urban sensibility and the relationship between being and time, through the dynamics of value-linking between temporal dimensions (past, present and future). My hypothesis is that modernization provides different sensitive experiences, which saudade is one of the signs of criticism, resistance and social project facing the individualistic, mechanistic and numbing reality. This reflective exercise lies in the interstices of local history, history and the press, history and sensibility, and history and memory.

Key words: Memory, progress, press, saudade.

Sumário

Agradecimentos	5
Introdução - Do sopro	7
1 - Do progresso.....	10
2 – Da saudade.....	25
2.1 - Saudade e morte.....	25
2.2 - Saudade e desejo.....	36
2.3 - Saudade e progresso	49
3 – Da memória.....	60
3.1 - Memória voluntária e involuntária	60
3.2 - Memória e Sentimento.....	66
Considerações Finais – Da despedida.....	69
Referências Bibliográficas	71
Fontes do arquivo.....	71
Bibliografia	71

Agradecimentos

Como colocar em palavras o reconhecimento que tenho do apoio que tantos me deram no decorrer da construção desta monografia? Nomear, neste caso, é limitar. Eu jamais conseguiria aqui abarcar a dimensão real das colaborações que tive, mas dentre todas uma é especial: a de meus pais. Gilberto Pereira da Silva, meu pai, e Valéria Carrilho da Costa, minha mãe; a vocês, que são meus amigos, companheiros, confidentes, professores de cada dia, cabe o agradecimento primeiro e convicto! Obrigada pela formação ética, sensível e responsável que vocês me proporcionam. Todo passo que dou nessa caminhada da vida é na companhia de vocês. Muito obrigada! Que sigamos juntos com muito amor e gratidão.

Agradeço cada professor com o qual tive o prazer de estudar, desde a “tia Claudia”, minha primeira professora, até minha querida orientadora Mara Regina, que tanto me ajudou e apoiou na elaboração deste trabalho. Faço nomear ainda Jacy Seixas e Amon Pinho, professores que cuidadosamente me auxiliaram nas pesquisas e leituras em torno da saudade e me agraciaram com suas receptividades aos convites de participação na banca de defesa desta monografia.

Tantos servidores públicos e privados estiveram envolvidos no processo de desenvolvimento de minhas investigações e escrita, aos quais sou muito grata. Reforço o agradecimento aos funcionários do Arquivo Público de Uberlândia, principalmente Jô e Paulo, que sempre, com carinho e dedicação, me auxiliaram da melhor forma neste primeiro contato do trabalho com documentos históricos. Estendo este reconhecimento também às instituições que fomentaram minhas pesquisas (UFU e FAPEMIG) e ao grupo de estudos do projeto *Vida urbana e morte cristã Cemitérios, serviços póstumos e projetos civilizatórios: Triângulo Mineiro (1810-1980)* que me colocou em contato com diversas propostas de trabalho e leituras enriquecedoras.

Aos colegas e amigos que estiveram ao meu lado no ensino básico e na graduação dedico uma grande gratulação. Dentre tantos nomes queridos lembro Noemi Cristina, Carolina Cecílio, Amanda Spirandeli, Mariana Mello, Laila Ribeiro, Maximiano Schegoscheski, Renato Farofa, Beatriz Maia, Luciane de Araújo, Yasmin Luize, Samuel Giacomelli, Thaisea Mazza, Markus Felipe, Mirela Bansi, Rafael Colombo, Ana Cláudia Gomes, Luti...

Obrigada, por fim, aos meus familiares! Avós, tios, primos que acompanharam desde cedo minhas pequenas conquistas, frustrações e descobertas; com quem dividi, de muito perto, cada sentimento e experiência nova. Ao meu tio Sérgio, em especial, que tão cedo nos surpreendeu com saudades intensas, e cuja contribuição neste trabalho é imensurável!

Às minhas perdas irreparáveis.
Às minhas saudades corrosivas.

Introdução - Do sopro

Sinto o tempo com uma dor enorme. É sempre com uma comoção exagerada que abandono qualquer coisa. O pobre quarto alugado onde passei uns meses, a mesa do hotel de província onde passei seis dias, a própria triste sala de espera da estação do caminho de ferro onde gastei duas horas à espera do comboio – sim, mas as coisas boas da vida, quando as abandono e penso, com toda sensibilidade dos meus nervos, que nunca mais as verei e as terei, pelo menos naquele preciso e exato momento, doem-me metafisicamente. Abre-se-me um abismo na alma e um sopro frio da boca de Deus roça-me pela face lívida.

Fernando Pessoa¹

O que aqui apresento é produto de um esforço desmedido, é fragmento de uma jornada perpétua, é parte de minh'alma em processo de maturação. Antes de ser mero produto da obrigação institucional curricular da formação em História, este trabalho monográfico representa parte de mim mesma, daquilo que temo e desejo, da minha busca em satisfazer meus anseios existenciais e profissionais. Escrevo em primeira pessoa sim, pois não há melhor uso da gramática para demonstrar que há um ser compondo o texto, com ideias, sentimentos e escolhas. Livrou-me da amarra da objetividade, da imparcialidade e do cientificismo absolutos para propor uma escrita bem fundamentada e comprometida com a tradição intelectual, mas que permita minha expressão e vivência artística. A inspiração da minha escrita só a mim pertence; são as particularidades que compõem o meu ser que dão contorno a cada traço, nó e ritmo desta narrativa.

O que começou por meio de uma vontade de participar de um projeto de pesquisa em história, de descobrir o trabalho em arquivos e de aprofundar nos pontos de comunicação entre história e antropologia, pareceu adquirir um rumo próprio e quando tomei consciência, aquela aluna do quarto período do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, que teve sua proposta de estudos (em torno das transformações dos rituais fúnebres católicos de Uberlândia do final do século XIX e todo século XX) aprovada e financiada, passou a me habitar como um personagem de filme há muito tempo assistido. Não que este seja o início de um processo no qual este trabalho é, até então, um resultado, mas é, sem dúvida, um marco, através do qual me vi apresentado um universo complexo e múltiplo de fontes, metodologias, temáticas e referências que perpassam o ofício histórico. Vivenciei a transformação de tudo aquilo que a princípio havia me proposto fazer e a descoberta daquilo que me encanta e apraz em investigar e escrever sobre.

O olhar e a experiência sentimental se intensificaram com o desenvolvimento de meus estudos. A saudade, bem como a memória, mesmo que não claramente expressas

¹ PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. Richard Zenith (org.), 3ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 205.

perpassavam cada linha do jornal *A Tribuna*, fonte esta que tomei como ponto de partida para minha empreitada e que influenciou, a meu ver, positivamente o caminho que gradualmente trilhei. Este periódico, a princípio semanal, se fez presente na cidade de Uberabinha, que em 1929 passa a se chamar Uberlândia, durante aproximadamente 25 anos a partir de sua fundação em 1919. O recorte espacial neste município do Triângulo Mineiro (região do estado de Minas Gerais) é em decorrência de uma afinidade e uma facilidade para a pesquisa, uma vez que esta é minha cidade natal, na qual sempre vivi e atualmente estudo, e para tal me valho da disponibilidade do acervo documental do Arquivo Público de Uberlândia, em que se encontram, para consulta e restauro, diversos números de periódicos locais publicados desde finais do século XIX. *A Tribuna* é um dos poucos jornais que conseguiu se manter em circulação durante mais de uma década e que está em bom estado para o manejo documental. Dentre estes fatores, minha opção por começar nele as investigações foi devido também à recomendação de colegas e professores familiarizados com as fontes de caráter local.

O trabalho com *A Tribuna* direcionou então meu recorte cronológico para a primeira metade da década de 1920; a consulta para a escrita desta monografia se deu entre os anos de 1919 a 1926, entre os quais tive o contato com diversas manifestações saudosas que cada vez mais me encantavam e me chamavam aos seus questionamentos. Descobri no periódico um lugar de encontro e embate de concepções, projetos, desejos e sentimentos, com uma pluralidade de formas e conteúdos visando abarcar a complexidade da própria sociedade na qual e para qual versa. Daí a divulgação de crônicas, poemas, comunicados oficiais, notas informativas, escritos científicos, propagandas, cobranças e etc. Aquilo que a primeira vista pode ser equivocadamente tomado como uma estrutura desordenada de fatos e ideias, é antes uma seleção arbitrária visando determinados fins. Para Tania Regina de Luca "a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público", por isso o desafio do trabalho histórico em tomar tal fonte situando-a em seu contexto, seus locutores e interlocutores, os ideias políticos e ideológicos, as condições materiais e imateriais que percorrem cada linha e entrelinha do corpo textual; nesse sentido a autora continua, "O Historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa"².

² LUCA, Tania Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". In: *Fontes históricas*. Carla Bassanezi Pinsky (org.). São Paulo: Contexto, 2008, p. 139.

Com o intuito de estabelecer relações entre os escritos do jornal *A Tribuna* e os processos históricos pertinentes à Uberabinha de 1920, busquei amparo nas discussões em torno das ideologias progressistas, que deixam marcas profundas nas cidades brasileiras que na primeira metade do século XX se modernizaram em um ritmo acelerado, das definições e expressões saudosas, em estreito contato com as representações da morte e das filosofias existências potencializadas pelas transformações da vida urbana, e do exercício de memória que ata estes aspectos sociais e individuais na composição de uma complexa conjuntura do humano. Com base nesta estrutura encaminhei este trabalho.

O capítulo 1, intitulado *Do progresso*, diz respeito à problematização de teorias sobre os movimentos de modernização, que por si só implicam a ideia de industrialização, individualização, higienização, promoção de concepções lineares e numéricas de tempo, de forma a transformar as relações de trabalho e os projetos sociais que encontram no meio urbano um espaço fértil para a diversificação de seus posicionamentos.

O capítulo 2, intitulado *Da saudade*, trata de reflexões teóricas sobre a saudade, tanto por seu viés representado em textos filosóficos e literários, como pelo diálogo fenomenológico que lhe atribui caráter universal. Para tal irei valer, em especial, de documentos do jornal *A Tribuna*, que apontaram para diferentes usos do termo, que designa a este quase que indescritível sentimento, demonstrando a dinâmica da vivência de seres de tempo e da aprendizagem da sensibilidade social, que, no caso de Uberabinha da década de 1920, atuou como signo de crítica às condutas e pensamentos progressistas.

O capítulo 3, intitulado *Da memória*, é o último capítulo que compreende a elaboração de um debate que relaciona memória, sociedade e sentimento, de modo a questionar a suposta dicotomia entre memória voluntária e involuntária, com o intuito de construir um entendimento menos engessado sobre sua forma e vinculado à afetividade.

Esta monografia é fruto de uma reflexão introdutória. Não ostento afirmações que não sejam passíveis de futuras críticas e reformulações, como acredito ser a condição de todo e qualquer discurso. Assim como minhas fontes e referências, me baseio e, por isso mesmo, me restrinjo a influências contextuais, experiências pessoais, anseios próprios do meu presente, e dos limites temporais e emocionais que o fazer acadêmico coloca.

1 - Do progresso

Como poderia eu fugir do lugar de onde falo? Ou antes, qual seria a importância de fazê-lo? A importância não está em negar ou vangloriar este *locus*, mas em fundamentar seus caminhos. Escrevo sob a ótica de um meio industrializante, múltiplo e complexo, mas cuja configuração não é puramente desordenada. Diversos autores se lançaram à tarefa de compreender e conceituar os processos próprios desta realidade³ em transformação, dentre os quais irei me amparar naqueles cuja identificação e aproximação permitiram o desenvolvimento de reflexões que transitem entre história, memória, política e sensibilidade. Dentre estas interações atento para um ponto fundamental deste debate: uma percepção específica do tempo. Esta não se expressa apenas no modo de vida como também na própria representação⁴ deste (que então pode se dar através da escrita histórica, literária, sociológica...) pelos sujeitos que o vivenciam. Daí o desafio de se problematizar questões relativas ao ser mergulhado na metamorfose eterna de si e do mundo dissociando concepções tais quais de linearidade, de presente, passado e futuro. Tais concepções, porém, não são desprovidas de historicidade, sua gênese ferve no seio da modernidade.

A estrutura socialmente hierárquica, com o trabalho no meio rural voltado para a subsistência e cuja fé católica, no caso da sociedade ocidental, compunha o imaginário é gradativamente modificada por motivações democráticas, científicas, seculares⁵ e de lucro⁶. Tal movimento que altera as relações sociais é também formado por novas condutas, crenças e sensibilidades, cujos reflexos, tão bem aprimorados ao longo dos séculos, marcam o indivíduo moderno. Para este, o tempo é metrificado, não lhe pertence, ou antes, pertence a todos. A padronização humana, em seu sentido isonômico, se relaciona estreitamente com o estabelecimento do tempo do relógio e sua internalização propícia à exploração do trabalho e à acumulação de capital.

³ Realidade não como o real abstrato, mas sim sua apropriação enquanto construção humana; seu referente discursivo.

⁴ Por representação compreendo todo e qualquer produto humano, que, enquanto tal, não possui um sentido e um significado em si mesmo, mas sim na dinâmica de (re)formulação social da realidade; no sentido em que Denise Jodelet (2001, p. 17) escreve: "partilhamos esse mundo com outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. Eis por que as representações são sociais e tão importantes na vida cotidiana".

⁵ Sentido de secularização enquanto um processo de desmitificação da realidade. Não compreendo tal conceito como sinônimo de laicização, apesar de se relacionarem, assim também como com a multiplicidade de explicações e olhares para com o universo circundante, o sincretismo religioso, o advento da modernização tecnológica e do individualismo crescente. Discussão esta que se dá no viés do pensamento de Mircea Eliade (2010).

⁶ O que Karl Polanyi compreende como a modificação essencial que marca este processo: transformação da motivação que antes era de subsistência para então de lucro.

Se a relação do indivíduo com o tempo se configurava com base em fenômenos naturais, em respeito ao ritmo particular de cada tarefa ou cada ser, o processo de modernização se caracterizará pelo tempo condensado ao universo do trabalho produtivo e industrial, que pode ser contado, revertido em número, que não é exterior ao sujeito, mas se cola à sua própria condição humana. Nesse sentido que E. P. Thompson entende o "relógio moral interno do trabalhador", e o conseqüente desenvolvimento de uma relação específica de temporalidade, tomada como uma linha reta em que o passado é um fato e ao presente cabe a preparação do futuro. O autor escreve: "Por meio de tudo isso – pela divisão do trabalho, supervisão do trabalho, multas, sinos e relógios, incentivos em dinheiro, pregações e ensino, supressão das feiras e dos esportes – formaram-se novos habitus de trabalho e impôs-se uma nova disciplina de tempo"⁷.

Cabe, porém, a esta disciplina de tempo a menção de seu projeto, que não é privado de sujeitos que o pensam e sentem. Estes, em crítica aos privilégios que os excluem dentro de uma sociedade hierarquizada e às ideologias que condenam sua mobilidade geográfica e econômica, desenvolvem, ao longo de tempos e espaços específicos, projetos em consonância com a heterogeneidade e deformidade da então realidade que se transforma, dando-lhe o contorno do interesse liberal burguês. Daí o apelo à democracia, ao sufrágio, à isonomia, à cientificidade, ao avanço tecnológico, à higiene, ao alongamento da vida humana e a uma moral que liga cada um desses elementos ao íntimo, em busca de uma disciplinarização produtiva, uma ordem social, que então mantenha a hegemonia de um grupo economicamente dominante, através de um discurso que encobre os conflitos de classe. E nesta moral burguesa se encontra a concepção de tempo linear, composto por passado, presente e futuro, com representações valorativas divergentes.

Qual seria o lugar da memória na mentalidade dessa sociedade? Na concepção de tempo linear e sua conseqüente preocupação para com o futuro, o exercício que volta seu olhar para o passado, passado este encarado como total e cristalizado, se reduz ao pequeno grupo intelectual e acadêmico, cuja função legitimadora dos acontecimentos, constantemente renovados, é antes um "alargar o campo da memória coletiva"⁸ do que uma relação afetiva e genuína do ser com o tempo. Este é o cerne da questão para Pierre Nora: o lugar da memória em uma sociedade que repele a mesma e em sua substituição institui lugares de memória. Na plasticidade das relações entrelaçadas pela percepção linear do tempo se desenvolve uma

⁷ THOMPSON, E. P. "Tempo, disciplina do trabalho e o capitalismo industrial". In: *Costumes em Cumum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 297.

⁸ NORA, Pierre. "Entre memória e história: a problemática dos lugares". Tradução de Yara Aun Khoury. *Proj. História*, São Paulo, (10) dez. 1993, p. 10.

nova ordem e uma nova sensibilidade em nome do progresso e da evolução; a memória é transfigurada nestes "empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais":

São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos.⁹

O presente e o futuro são representações enaltecidas em conjunto com a ação, uma ação específica, produtiva, que transforma, nesse sentido, o estágio da "cadeia evolutiva da sociedade". Este processo é compreendido no discurso como algo inevitável, que deve ser almejado e adiantado em prol do bem estar social entre os indivíduos. Em outras palavras, a transformação da vida em sociedade é acompanhada por uma lógica, com origem nos interesses burgueses, que projeta, a partir de uma percepção linear de tempo, um futuro idílico e decisivo; é o ideal do progresso. Progresso este que não é individual ou restrito a determinado grupo, mas antes o acúmulo dos saberes humanos ao longo do tempo. A história, enquanto representação social do passado, é revertida em progresso, em linha temporal na qual caminham todas as pessoas (uma vez que todas são iguais) em direção crescente; no eterno desenvolvimento proveniente das experiências somadas pela temporalidade numérica. Afinal, como escreve Paolo Rossi, "o sujeito cognoscitivo não é o indivíduo isolado, mas a humanidade inteira que progride no tempo. A humanidade, não esse ou aquele homem, tornou-se o protagonista efetivo do processo da história"¹⁰.

Tal reflexão do filósofo italiano é de grande importância para este trabalho uma vez que sua teoria debate as transformações da sociedade e do indivíduo na modernidade por meio de uma análise em torno da ideia de progresso. O autor parte de uma abordagem na qual a realidade, que se expande no contato com culturas e imaginários diferentes do ponto de vista ocidental, é encarada com certo incomodo, uma vez que ela não está dada, mas sim está por vir, sendo passível de controle¹¹. Esta incógnita do destino dos seres abre duas vias de visão com relação ao futuro, expressas no jogo entre esperança e catástrofe. Nesse sentido, se desenvolve o movimento intelectual que produziu diversas utopias (tanto com sentidos otimistas como pessimistas), que em seu bojo manifestam sentimentos próprios de uma sociedade que não se volta mais para o passado como lugar de instrução, mas antes o toma como a representação daquilo que não se quer, que se deve fugir, em contraposição a uma dita constatação de superioridade e maior potencialidade dos modernos frente à realidade

⁹ Ibidem, p. 13.

¹⁰ ROSSI, Paolo. "Sobre as origens da ideia de progresso". In: *Naufrágios sem espectador - a ideia de progresso*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000, p. 74.

¹¹ Ibidem, p. 96.

com questões então novas. Assim, é na busca de um distanciamento da tradição que se encontra a preponderância de uma vontade e uma convicção no avanço do saber, na "imagem da ciência como construção progressiva e como resultado de contribuições individuais que se colocam uma após a outra no tempo, segundo uma perfeição cada vez maior"¹². Legitimado pela ciência moderna, este progresso da humanidade a compreende como um todo, não o indivíduo separadamente, cujas colaborações e aperfeiçoamentos são parâmetros de desenvolvimento universal e não particular, fato este ao qual Reinhart Koselleck faz referência por meio da ideia de coletivo singular, característica do que ele chama de "a grande época das singularizações", na qual "das liberdades fez-se a Liberdade, das justiças fez-se a Justiça, dos progressos o Progresso, das muitas revoluções 'La Révolution'"¹³. Neste processo todos os olhares e trabalhos se voltam para a tarefa do avanço, sendo este tecnológico, comportamental e moral. A formação do indivíduo passa a ser cada vez mais refinada, e, conseqüentemente, seus impulsos cada vez mais reprimidos¹⁴.

Nesse viés, como situar, ainda, o sentimento dentro de um processo entorpecedor dos significados íntimos e compartilhados? Onde buscar? Como interpretar as nuances do discurso progressista? Afinal, este não exclui os afetos, as angústias humanas e próprias de sujeitos que vivenciam um contexto transformador. Neste trabalho, as fontes que me permitiram pensar estes pontos de fuga e conflito para com a ideologia do progresso, e até mesmo aquelas que a reforçam, são os escritos de jornal, no caso *A Tribuna*¹⁵, uma vez que este meio de comunicação é por mim compreendido como um instrumento social de atribuição e compartilhamento de significados à realidade pelos sujeitos que o leem e o escrevem, ora por confronto, ora por acordo; em especial as fontes de caráter literário, pois, como bem escreve Lourenço, "A lírica universal não é mais do que a perpétua tentativa de trazer à superfície a barca afundada dos nossos momentos de eternidade"¹⁶.

Será justamente em torno desses naufrágios sentimentais (cujo tempo e espaço às vezes lhes fogem) que penso novas abordagens para com os sujeitos que vivenciam a transformação de seu meio pelo processo modernizador, processo este que comporta em si

¹² Ibidem, p. 50.

¹³ KOSSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 52.

¹⁴ Ver: ELIAS, Norbert. "O Processo Civilizador". In: *Formação do Estado e Civilização. Vol. 2*. São Paulo: Zahar, 1995.

¹⁵ A consulta foi realizada entre as edições do ano de 1919 (primeiro ano de publicação do periódico) ao ano 1926 (data delimitada devido ao tempo para pesquisa e à quantidade de fontes) na coleção Jerônimo Arantes do Arquivo Público de Uberlândia.

¹⁶ LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 18.

movimentos próprios, porém não desvinculados, de diversos âmbitos da vida em sociedade, que concebem a questão urbana sob novas óticas, então modernas¹⁷. Este movimento adquiriu contorno e conceptualização posteriormente, através das interpretações sobre as percepções e intenções que marcam rupturas nas formas de pensar e agir sob o meio, porém tais rupturas não se deram no sentido em que o discurso progressista gostaria, e em muitos aspectos sua aparência é antes de continuidade. Ora, ambos os pontos não são dicotômicos. O progresso se potencializa através de um projeto positivista baseado no distanciamento do passado, tomado sob a imagem da ordem social monárquica¹⁸, no qual a vida rural sobrepõe à urbana. Assim, a modernização é compreendida como um processo complexo, que envolve uma rede de interferências que, em seu entrecruzar, organizam uma nova representação da cidade e de suas condutas¹⁹. Situação esta que se deu (e por que não pensar se dá?) tão perto de mim.

A escolha por uma investigação em um espaço específico tão familiar e significativo para mim se dá pela facilidade de disposição das fontes, bem como pela aproximação subjetiva que a história local proporciona entre o tema e o historiador. Esta, nas palavras de Raphael Samuel, possibilita uma ideia muito mais imediata do passado, que o historiador "encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos"²⁰. Nesse sentido, me distancio do estímulo das concepções que compreendem o exercício histórico como pretensão ao encontro da verdade absoluta do passado, e ainda expressam a necessidade de uma objetividade e uma suposta imparcialidade entre o sujeito e seu objeto. Se o esforço é pensar sob novas percepções de tempo e de passado, então inconstante, fragmentado, dinâmico e sensível, não caberia tomar os padrões como puras generalizações; e a história local permite um movimento próprio e genuíno por parte daquele que se dispõe problematizar por meio de uma nova escala²¹, abordando o que até então era negligenciado, e se relacionando, inclusive afetivamente, de forma aberta e consciente com seu trabalho.

¹⁷ Ver: BRESCIANI, Maria Stella. "Permanência e ruptura no estudo das cidades". In: *Cidade & História. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Ana Fernandes e Marco Aurélio de Filgueiras Gomes (org.), Salvador: UFBA, 1992, p. 11-26.

¹⁸ Sobre reflexões em torno da ordem e do progresso ver: MORAES, João Quartim de. "O positivismo nos anos 20: entre a ordem e o progresso". In: *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. Helena Carvalho de Lorenzo e Wilma Peres da Costa (org.), São Paulo: Editora UNESP, 1977, p. 73-92.

¹⁹ Daí a relação estreita entre modernização e educação; uma educação disciplinadora, formadora de corpos dóceis produtivos, como nos ajuda pensar Michel Foucault em sua obra *Vigiar e Punir*.

²⁰ SAMUEL, Raphael. "História Local e História Oral". In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH: Marco Zero, vol. 9, n.º 9, set. 1989/fev. 1990, p. 220.

²¹ Sobre o debate em torno da redução da escala no exercício histórico ver: LEVI, Giovanni. "Sobre a Micro-História". In: *A Escrita da História: novas perspectivas*. Peter Burke (org.), São Paulo: UNESP, 1992, p. 133-162.

Nas raízes e frutos de meu torrão natal encontrei o vestígio do progresso; o povoado que se tornou arraial (em 1852), para então virar freguesia (em 1857) que tanto almejava o status de vila (1888), sendo que ao adquiri-lo logo se esforçou em se elevar a categoria de cidade (em 1892)²². A atual Uberlândia (localizada na região do Triângulo Mineiro no estado de Minas Gerais, Brasil), se formou com base em transformações estruturais, que acompanhavam novos comportamentos, sentimentos e, em especial, o desenvolvimento de um discurso que construiu, desde seu berço, um quadro valorativo de si, pois "necessário se fez proclamar aos quatro ventos uma imagem de cidade, uma cidade do desejo, tornando-a notória, a fim de que todos internalizassem a condição de progresso que a destacava na região"²³. Imagem esta de um projeto ideológico, voltado para os interesses dominadores de uma elite econômica, que encontra no olhar e ação para o futuro ideal, sob preceitos democráticos, a camuflagem dos conflitos sociais e o estabelecimento de uma ordem que lhe apraz.

Se o presente é um incômodo, a esperança surge como uma conduta possível em dois sentidos divergentes (sob a ótica da temporalidade linear): para com o passado ou o futuro²⁴. Mas a sensibilidade não respeita completamente estas regras lógicas, e suas expressões podem confundir a mente que busca um sentido. Mas, ainda sim, reforço a minha vontade em escrever, por mais que me limite em tentar fazê-lo.

O movimento que se desenvolve em São Pedro de Uberabinha (que em 1929 adquire o nome de Uberlândia) na década de 1920²⁵ não é único nesse sentido. O progresso na cidade é a expressão local de um processo amplo que se dá no Brasil, a partir de meados do século XIX, em função do deslocamento urbano e, para usar a expressão de Thompson, de um novo *habitus de trabalho*; porém não somente em vista de modificações objetivas isoladas, como principalmente de reflexões inquietantes, mentais e emocionais, que as compõem²⁶. Nicolau Sevcenko aponta para aspectos semelhantes no que diz respeito à modernização na cidade do Rio de Janeiro, no final do século XIX e início do XX. O autor denomina de "processo de

²² DANTAS, Sandra Mara. "De Uberabinha a Uberlândia: os matizes de um projeto de construção da Cidade Jardim (1900-1950)". In: *Uberlândia revisitada: memória, cultura e sociedade*. Diogo de Souza Brito, Eduardo Moraes Warpechowski (org.), Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 24-25.

²³ Ibidem, p. 31.

²⁴ ROSSI, Paolo. Op. Cit., 2000.

²⁵ Refiro-me a década de 1920, uma vez que os jornais consultados, que permitiram a problematização deste processo transformador, foram produzidas entre os anos de 1919 a 1926, porém não desconsiderei a relação deste contexto específico com o percurso ideológico que vem desde a formação da cidade, a partir do século XIX, muito menos com demais localidades cujas dinâmicas apontam para aspectos análogos.

²⁶ Ora, como bem escreve Afonso Botelho (1990, p. 17) sobre as condições do surgimento da saudade como mito lusitano: "A aparelhagem científica e técnica das Navegações, que tanta importância merece, de nada serviria se não se tivessem também aparelhado as almas e os sentimentos".

aburguesamento"²⁷ este movimento de transformação do espaço público em suas diversas instâncias, caracterizado pela "consagração olímpica do arrivismo agressivo sob o pretexto da democracia e o triunfo da corrupção destemperada em nome da igualdade de oportunidades"²⁸.

Nesse viés, a ideologia progressista, enquanto aspecto marcante do processo modernizador das cidades brasileiras, e em especial no caso de Uberabinha, compreende uma necessidade de renovação, como a *grande obsessão coletiva*²⁹, que se faz no sentido da ruptura com o passado. Ora, este progresso é antes uma projeção do que algo constatado na realidade pelo discurso³⁰. Este direciona todos os caminhos no rumo do avanço, induzindo positivamente seu aspecto inevitável e desejado. Enquanto a representação do presente se mescla com a do futuro através de uma missão altamente valorativa e claramente elitista de preparação e melhoramento, ao passado se constrói a imagem da cidade rural, insalubre, insegura, rude, desconfortável, imunda e promiscua³¹. A dicotomia entre modernidade e tradição é antes discursiva, uma vez que aquilo que viabilizou o processo modernizador foi a própria "sustentação, por cooptação, proporcionada pelas estruturas e forças sociais e políticas tradicionais do interior do país (coronelismo, capanguismo, voto de cabresto, voto de bico-de-pena etc.)"³². A ruptura se dá no campo da memória coletiva, com base em quadros sociais completamente sentimentais, desejosos e esperançosos. Ricardo Benzaquen escreve:

Assim, é justamente o surgimento desta definição iluminista do tempo, assimilado ao progresso, convertido em linha que se desloca inelutavelmente numa única direção, que vai separar o que chamávamos antes de espaço de experiências, base da concepção clássica da história, do horizonte de expectativas do homem moderno, horizonte que vai agora se fixar apenas no futuro, um futuro que parece dispensar todo e qualquer ensinamento veiculado pela tradição, relegando-a à mais absoluta obscuridade.

Tal processo tende a transformar dessa maneira, a tradição em um monte de ruínas, restos inúteis de uma caminhada que sempre encontra o seu sentido mais à frente, além de desativar progressivamente a memória e, o que me parece crucial para a invenção da crítica histórica, tornar o passado um lugar sombrio, misterioso,

²⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 53.

²⁸ Ibidem, p. 38.

²⁹ Ibidem, p. 41.

³⁰ Sandra Mara Dantas reforça a ideia de que o "discursos entusiasta" conflitava com imagens e notas de jornais que mostravam outra cidade, em contraposição a cidade do desejo representada pelo progresso. Daí que a autora escreve que este "é uma projeção, ainda não se efetivou, mas que todas as coisas apontam para sua concretização, seja a natureza, o trabalho ou o espírito ordeiro da população. Tem-se a impressão de que só por pouco de tempo e o sonho tornar-se-á realidade" (2008, p. 26).

³¹ SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit., p. 41.

³² Ibidem, p. 71.

presidido pelo esquecimento, onde praticamente qualquer coisa pode ter acontecido.³³

Quantos conceitos e encadeamentos em torno do passado; este ente abstrato que se apresenta extremamente complexo e praticamente impalpável. "Pensar isto faz frio, faz fome duma coisa que se não pode obter." (Álvaro de Campos, *Ode Marítima*). Como interpretar este processo no sentido de um caminho que desativa a memória? Afinal, qual memória é essa? Seria uma memória coletiva específica? De um grupo que reforça a ordem do *status quo*? Ou seria, como escreve Pierre Nora, o desenvolvimento de uma sociedade que despreza a relação com o passado e em consequência disso do próprio ato de memoriar? Ora, o progresso não é uma memória compartilhada? A ele não existem críticas? As fontes do jornal *A Tribuna* são, neste trabalho, caminhos possíveis e singulares de refletir em torno destas questões, pois, nas palavras de Tania Regina de Luca, "jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de idéias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita"³⁴.

Da relação com os movimentos e ideias que habitam minha memória, construo uma imagem disforme do contexto histórico. Para refletir sobre novas possibilidades de um tempo e espaço em questão, estas não poderiam entrar em debate como meras bricolagens a quadros inertes, mas antes como processos, cujos conceitos amparam seus contornos, mas não os reduzem. Os pontos finais neste diálogo tenderiam a limitar e a totalizar aspectos em paralelo às multiplicidades das liberdades pessoais, porém existe o cuidado também com o relativismo absoluto e a compreensão da multiplicidade no viés do niilismo. Por mais complexo que o contexto histórico seja, ainda assim existem suas tangentes, que merecem sempre questionamentos e renovações para não tornar o passado o lugar do real ou do nada. "O contexto é imanente às práticas, faz parte delas", como escreve Alban Bensa em diálogo com o pensamento do antropólogo Gregory Bateson, e continua: "É portanto impossível pensá-lo em termos de estrutura estática. Como a troca de informação, a aprendizagem ou a mobilização da memória, ele não é contínuo nem coerente na duração, mas habitado por múltiplas contradições e fraturas internas."³⁵

³³ ARAÚJO, Ricardo B. de. "Ronda Noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.º 1, 1988, p. 40. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/275>>.

³⁴ LUCA, Tania Regina de. Op. Cit., 2008, p. 140.

³⁵ BENSA, Alban. "Da micro-história a uma antropologia crítica". In: *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Jacques Revel (org.), Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1998, p. 46.

O contexto de Uberabinha da década de 1920, por mais vasto que seja o campo de suas manifestações particulares, cujo enfoque analítico é tão caro para novos olhares e abordagens, também é integrado de processos abrangentes, que se encontram em demais contextos. Por este motivo apresento uma extensa quantidade de autores que pensam movimentos consonantes, apesar de suas especificidades metodológicas, temporais, espaciais e referenciais.

Ainda que não totalizante, o discurso progressista, presente em Uberabinha desde meados do século XIX, tem seus fundamentos em aspectos próprios da modernidade no que diz respeito à percepção iluminista de tempo, de motivações de lucro, de produtividade, individualidade, de condutas "aburguesadas", reprimidas e de um esforço em se diferenciar do passado, tomado sob uma representação pejorativa. A vontade de estar sempre um passo à frente, para a mentalidade desta sociedade modernizada, aumenta a importância e o ritmo da transformação. Uma fonte que permite a problematização desta percepção temporal linear e do desejo em torno do progresso é a seguinte notícia que se encontra no jornal *A Tribuna* de número 263:

Por uma comunicação feita á Sociedade de Medicina e Cirurgica, pelo dr. Reunáldo de Aragão, sabe-se estar sendo empregado no Rio, com admiraveis resultados, o processo do dr. Voronoff para o rejuvenescimento do homem.

Meia duzia de intervenções realizadas tiveram espantosa eficiencia, sendo de notar que as experiencias em organismos femininos foram mais que as outras, bem succedidas.

A campanha scientifica para retorno á mocidade, deixou, assim, de ser uma lenda humoristica, um objecto de pilheria, para tornar-se realidade perfeita. E, como toda realidade repousada na sciencia, objecto de respeito.

Na sua communicação, não se limitou, contudo, o dr. Aragão, á exposição do que conseguiu: fez, tambem uma recapitulação do que se tem realizado em todos os paizes do mundo, nos quaes o enxerto está se tornando mais comum, tão quotidiano, como a laparotomia ou a extração do appendice.

Uma das citações mais interessantes foi, entretanto, a que succedeu na Inglaterra. Em um dos asylos de Londres destinados á velhice invalida, foram escolhidos 27 anciãos, para serem submetidos á experiencia. Desse 27, nenhum deixou de sentir o effeito benefico da intervenção, sendo que 16 delles o sentiram tão completo, que abandonaram o asylo voltando, á actividade á lucta vigorosa pela vida.

A morte já deixou de ser, pois, um espantinho inevitavel. E' um mal que pôde ser, pelo menos adiado... E, assim sendo, quantos homens de hoje poderão ficar na terra, afim de serem, por obra e graça dos inacacos, contemporaneos dos seus semelhantes do seculo XXI?³⁶

Uma notícia, como tantas outras do jornal, que projeta o futuro com positividade. Uma notícia que, se não fosse pelas transformações na escrita, poderia ser nos considerada contemporânea sem causar estranhamento. Afinal, uma notícia que requer um cuidado

³⁶ 5/10/1924. Jornal *A Tribuna*, coleção Jerônimo Arantes, Anno VI, Uberabinha, NUM. 263. Arquivo Público de Uberlândia.

analítico que permita compreender aspectos da mentalidade desta sociedade que se moderniza.

Por que a selecionei em particular? O que esta fonte me permitiu pensar para adquirir um lugar no meu discurso? Logo respondo: através dela pude sentir o calor do desejo. Aquele desejo mais a priori, mais natural; como reflete Thomas Hobbes³⁷ sobre a natureza humana e suas paixões: o desejo de auto preservação, "a luta vigorosa pela vida". A manifestação do desejo não é específica, ela perpassa fronteiras geográficas e culturais, mas ao ser apropriada por um contexto se torna uma representação com traçado particular. Os contratualistas, que marcaram o movimento teórico da dita Idade Moderna, encontravam no papel do Estado a institucionalização que legitimasse e potencializasse a luta incessante pela vida. Na notícia, o poder estatal está em segundo plano, a sobrevivência é travestida em retorno, em adiamento, em retardamento de um tempo que só tem seu caminho para frente; o instrumento para tal: a ciência, "objeto de respeito", aspecto legitimador da própria realidade.

Ora, que ciência é esta? A fonte em si trata dos elementos próprios que caracterizam esta compreensão da ciência, a partir da abordagem empírica do humano, principalmente no que concerne a seus atributos orgânicos, como escreve José Carlos Rodrigues: "A preocupação com a duração da vida implica naturalmente o esforço de postergar o seu final, o que se poderá conseguir por meio da consideração do corpo humano como uma máquina que se pode conservar e reparar"³⁸. Daí a importância dada ao estudo da medicina, à legitimação do saber de origem sensível e positiva³⁹, cuja carga valorativa aumenta através de seu laço com a possibilidade do alongamento da vida humana. O rompimento com o enfoque no Estado marcaria então um novo momento na história da humanidade? Esta ruptura não é de todo isolada, ao contrário, ela é antes um movimento do processo modernizador. Em seu discurso, o Estado ainda é o *locus* depositário de realização dos desejos humanos, porém estes se refinam e se apoiam em um novo caminho: o progresso. Um progresso de todos norteado pela ciência⁴⁰. Na fonte, porém, aparece um contraponto: o avanço coletivo dentro da história evolutiva da humanidade, mas que inclui um retorno individual e biológico. Afinal, o que a mocidade representa para esta mentalidade? Qual a relação entre o tempo

³⁷ HOBBS, Thomas. *Leviatã, ou, Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva, São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção Os Pensadores).

³⁸ RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da Morte*. 2.ed., Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006, p. 191.

³⁹ O positivismo, perspectiva filosófica e política em relação à sociedade e ao indivíduo que marca o final do século XIX e início do XX, é, neste cenário, o grande critério para a legitimação e encadeamento hierárquico dos conhecimentos. Apesar de comportar uma multiplicidade de pensamentos, esta linha reforça concepções progressistas, evolucionistas e cientificistas entre as humanidades (história, filosofia, sociologia...).

⁴⁰ ROSSI, Paolo. Op. Cit., 2000.

compartilhado e o tempo individualizado? Por que o saber médico se alojou no cume da arqueologia do conhecimento?

O "retorno a mocidade", "realidade perfeita", possibilitado pela ciência médica, "objeto de respeito" e produto do progresso, é almejado no sentido da manutenção da "luta vigorosa pela vida", ou seja, do trabalho, sendo seu próprio antônimo a velhice e a invalidez resguardada pelo asilo. Assim, a sociedade moderna é pintada com cores de juventude, pois apenas estes sujeitos são capazes de trabalhar e produzir, e apenas através da produção que se lucra e se acumula, principalmente saber, movimentando cada vez mais o estágio da evolução humana. Aqueles não capacitados ou que não respondem a estes anseios ficam à margem, são segregados do convívio social em locais como asilos, hospitais, sanatórios, prisões... Instituições que segregam, mantedoras da ordem e, claro, do progresso. Sob este viés José Carlos Rodrigues escreve:

O aumento da duração do funcionamento da máquina humana de produzir se transforma em signo do progresso das nações, em ideal de ser da sociedade industrial, mascarado sob o pretexto de prolongamento da existência individual, que se quer ilimitadamente aumentada até a eternidade (negação da morte), mas que na realidade é otimizada de acordo com as leis do sistema: nem demasiadamente curta que não permita produzir, nem demasiadamente longa que seja deficitária socialmente.⁴¹

A pergunta em torno do que a mocidade representa para esta mentalidade está completamente atrelada à questão, cuja reflexão a fonte auxilia, do que se compreende e se sente sobre a morte também. A passagem desta de "espantinho inevitável" para "mal que pode ser pelo menos adiado" é antes uma construção do próprio processo modernizador, caracterizado pelo esforço em marcar o seu distanciamento com o passado, compreendido então como lugar do sofrimento pela perda inevitável e dolorosa, em contraposição ao futuro, "século XXI", lugar idílico, saudável e de alongamento da vida. E assim, a morte é cada vez mais expulsa da vida cotidiana, se transformando em acidente⁴². Para reinventar a expressão de Philippe Ariès⁴³, a nova *boa morte* da sociedade moderna é aquela em que se morre o mais velho possível⁴⁴, entorpecido⁴⁵ e envolvido pelos cuidados científicos da instituição hospitalar.

Nesse sentido, porém, as fontes e seus discursos se contrapõem. Se, por um lado, existe em Uberabinha da década de 1920, uma notícia almejando com grande entusiasmo o

⁴¹ RODRIGUES, José Carlos. Op. Cit., 2006, p. 188.

⁴² Ibidem, p. 199.

⁴³ ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente. Da Idade Média aos Nossos Dias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977.

⁴⁴ Afinal, esta é "a única morte aceitável" (RODRIGUES, 2006, p. 193).

⁴⁵ José Carlos Rodrigues (2006, p. 195) toca neste ponto através de uma abordagem em torno da anestesia como a "grande invenção, capaz de alienar o sujeito de seu sofrer".

alongamento cada vez maior da vida, como produto da ciência aprimorada pelo acúmulo incessante de experiências humanas no tempo; por outro lado a própria morte é, nas palavras de Antonieta Villela⁴⁶, "um passo para o progresso". A autora, escritora de diversas colunas, comunicações, crônicas e poemas no jornal *A Tribuna*, se tornou, ao longo de minha pesquisa, uma grande incógnita por seus confrontos com certas posições padronizadas; e não só ela, muitos poetas e contemporâneos angustiados apareceram para mim como grandes fraturas, no sentido em que escreve Agamben, "aquilo que impede o tempo de compor-se e, ao mesmo tempo, o sangue que deve suturar a quebra"⁴⁷. Em 25 de abril de 1920, quatro anos antes da notícia do experimento rejuvenescedor, Antonieta Villela publica:

A Morte

A morte - essa figura misteriosa, arrebatadora de vidas, não devia ser encarada como realmente o é, genericamente falando.

O que é a morte, senão um passo para o progresso? Oh, felizes aqueles que partem para o mundo do além e deixam a terra-planeta da dor, da injustiça, da ingratidão!

Oh, a morte é uma verdadeira recompensa para os que soffrem! Porém, não essa morte forçada ocasionada por destruição; não, essa certamente deve ser horrível! Mas essa que vem de Deus, da justiça divina.

O aspecto da morte, meu Deus, como é pavoroso! Não devia se-lo. São fracas as pessoas que se deixam guiar pelos golpes da morte. A sorte de quem quer que seja termina pela morte, infalivelmente.

A morte, na expressão de varios e ilustres escriptores, é o unico meio para a regeneração da alma, pela lei da evolução.

A dor é necessaria ao levantamento da alma. Sem a dôr não haveria almas puras e delicadas.

A morte! Eil-a - a sorvedora de vidas que desdobra o seu manto de negro crepe sobre a victima, já indifferente a tudo, destituída das cousas terrenas; lança um olhar vago para as physionomias tristonhas que circundam o seu leito. Dentre estas physionomias desalentadas, destaca-se sempre a da esposa e mãe amorosa. Quantas destas se enlouquecem ao ver partir o seu companheiro ou o seu filho idolatrado!

Quantas destas com o olhar melancolico e sereno resistem heroicamente a partida de entes queridos!

E' admiravel, é comovente, é sensacional, ver-se uma mãe revestirse dessa coragem heroica para receber a morte ao seu lado.

Como é adoravelvêr-se uma mãe, já estatua de dôr, inclinada sobre o filho adorado, cuja vida foge lentamente. Pobre mãe, muda petrificada, não desvia o olhar da imagem que o filho segura! Enfim, eil-a que se desprende do envulcro carnal. Partiu. E' já livre.

Pobre esposa, adorável mãe, a morte a ninguém faz destinação. Ella é justa; é a ceifadora de todas as vidas indistinctamente.

Antonieta Villela⁴⁸

⁴⁶ Antonieta Villela é uma escritora e poetiza que marcou a década de 1920 em Uberabinha através de suas publicações em periódicos, como *A Tribuna* e *A Reacção*, demonstrando grande influência de movimentos literários e filosóficos da época, em especial, no tocante a temáticas sobre a morte, a saudade, a passagem do tempo, as transformações dos costumes e os sentimentos atrelados a isso. Seu posicionamento político e ideológico na defesa dos direitos das mulheres e de apoio ao movimento feminista é também um elemento marcante na sua produção discursiva. Ainda versarei sobre esta autora novamente neste trabalho.

⁴⁷ AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko, SC, Chapecó: Argos, 2009, p. 61.

⁴⁸ 25/04/1920. Jornal *A Tribuna*, coleção Jerônimo Arantes, Anno I, Uberabinha, NUM. 33. Arquivo Público de Uberlândia.

Dor, tristeza, melancolia, desalento, petrificação, pavor... Estados em torno da morte, segundo Antonieta Villela. Ela constata o sofrimento daqueles que perdem alguém querido e, pensando um cruzamento discursivo, estas condições não formariam, sob o viés da representação social, uma imagem da morte como o então "espantalho inevitável"? Seu lugar parece não habitar um passado tão remoto quanto o ideal progressista gostaria. Frente a este "aspecto pavoroso", qual a posição da autora? E ainda, porque publicá-la e repercuti-la em sociedade?

Arthur Schopenhauer, em 1844, escrevia: "Sem a morte, seria mesmo difícil que se tivesse filosofado"⁴⁹. O ser humano inquieto pela finitude que se manifesta no óbito do outro, no choque que sua ausência causa na configuração social e no desejo de sua presença, busca constantemente sentidos e significados para esta experiência que, como escreve Antonieta Villela, "a ninguém faz distinção"⁵⁰. A autora parece se propor a construir uma representação em contraposição ao "espantalho inevitável", mas ao mesmo tempo partindo dele, uma vez que, para ela, são estes sentimentos carregados de carga negativa que garantem a evolução, o progresso e a libertação, ou seja, nesse viés a morte não deve ser temida, mas sim encarada com "coragem heroica". Ela é antes enaltecida como caminho único para a verdadeira condição ideal.

Frente a um movimento modernizante, de negação e luta contra a morte, a fala de Antonieta Villela é inquietante; sua proposta é de uma consciência e um posicionamento não anestesiante frente à morte, integrando-a a vida de uma forma poética.

A veiculação de tal mensagem no jornal é a forma de compartilhar e reforçar esta ideia, através do confronto e/ou aliança com diferentes discursos que se debatem no jogo incessante de representação e poder entre as redes de relações interdependentes em sociedade, na qual indivíduos e grupos buscam alicerces para os sentidos de suas vidas. Quando o presente não satisfaz os anseios destes sujeitos, o desejo e a esperança integram as construções discursivas. Na fonte, mais uma vez o progresso aparece como projeção repleta de valorização, como solução para a "terra-planeta da dor, da injustiça, da ingratidão" que é o hoje de Uberabinha de 1920 segundo a autora. Ora, mas que progresso é esse de que Antonieta Villela escreve? É o mesmo daquele proporcionado pelo acúmulo das experiências

⁴⁹ SCHOPENHAUER, Arthur. "Da morte e sua relação com a indestrutibilidade do nosso ser-em-si". In: *Da morte; Metafísica do Amor; Do sofrimento do mundo*. São Paulo: Martin Claret, 2011, p. 23.

⁵⁰ A forma como a autora reforça a positividade de aspectos liberais da morte, ou seja, seu caráter democrático, sua igualdade, justiça, indistinção e meio para liberdade, ajudam a pensar como a transformação destes sentidos e significados acompanham os movimentos de ideias que em si são históricos.

humanas que faz com que a sociedade evolua cada vez mais em direção a um lugar melhor? Ou será um progresso individual e espiritual?

A autora compreende a morte como fator essencial para a "regeneração da alma, pela lei da evolução", mas de qual evolução se trata? O enfoque não está na espécie humana, ou com o sentido claro num entendimento com base no darwinismo social; é outro tipo de progresso que está em jogo, não mais dependente de parâmetros científicos e cosmopolitas, mas sim de ordem religiosa; para que se realize é necessário o próprio sofrimento, sendo seu oposto a destruição, cuja origem, como escreve Antonieta Villela, não mais repousa em Deus e na justiça divina⁵¹. Nesse sentido, qual a relação da religião com a morte? Quais suas modificações intensificadas pela modernização? O melhor é cuidar da alma ou do corpo? Ora, a religião e o seu simbolismo presente na fonte atuam como alicerces discursivos, através dos quais Antonieta Villela elabora um sintético manual de como se lidar com a morte. Daí a evocação do divino, da figura materna, de ideias de bem morrer, de sofrimento e de coragem heroica como sustentáculos para definição e compartilhamento de uma determinada representação em torno da morte. Afinal, a escrita é para aqueles que vivem, pois, como escreve Norbert Elias, "a morte é um problema dos vivos. Os mortos não têm problemas"⁵².

Na notícia de 1924 a importância está no progresso humano, no cuidado com o corpo e no rejuvenescimento respaldado pela ciência, porém o que a autora defende é outra abordagem na qual a regeneração da alma possibilitada pela dor ganha destaque. "Espantinho inevitável" e "passo para o progresso" confrontam-se.

O que parece crucial é a existência de um paradoxo entre um universo imaginário construído a partir do social, com base em ideias liberais, científicas, cosmopolitas, de progresso humano; e um universo também imaginário, porém construído a partir das angústias particulares, dos sentimentos erupções e das buscas existenciais que não respondem aos discursos contextuais como meros automatismos. Mais uma vez a dicotomia entre memória voluntária e involuntária parece ser posta em questão, mas apenas para lembrar que a complexidade da realidade e a diversidade dos vestígios do passado reforçam uma conjuntura que vai para além das totalizações e pontos finais. Como escreve Giovanni Levi:

⁵¹ O texto desenvolve sentidos que se aproximam das doutrinas do espiritismo kardecista, que a partir de 1920 adquiriu mais espaço e facilidades para sua institucionalização, uma vez que o processo modernizador potencializou a multiplicidade religiosa (ARRIBAS, Célia da Graça. *No princípio era o verbo - Espíritos e espiritismo na modernidade religiosa brasileira*. São Paulo, 2014, p. 15. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-22012015-184049/pt-br.php>>).

⁵² ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer*. Tradução de Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 10.

"toda ação social é vista como o resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que, embora difusa, não obstante oferece muitas possibilidades de interpretações e liberdades pessoais"⁵³. Nesse sentido, o jogo que as fontes fazem entre os apelos sentimentais e os conceitos comuns próprios deste meio social permitem tessituras afinadas sobre este contexto.

As concepções desenvolvidas por ambas as fontes são específicas de determinados sujeitos, seus espaços, meios de divulgação e temporalidade, o que não reduz o sentido deste debate ao contexto do qual a análise desponta, uma vez que a problematização de aspectos locais abrem a possibilidade para a reformulação de um novo olhar para conceptualizações gerais. Nesse caso, o embate que busco problematizar, em torno destas fontes e seus discursos, se dá no sentido de compreender tanto os desejos progressistas próprios de uma sociedade em modernização, mas também, e principalmente, as subjetividades particulares deste contexto que exprimem os receios, medos e frustrações que despontam frente as transformações, pois, nas palavras de Raphael Samuel: "Ao invés de pressupor a existência do equilíbrio, seria melhor se os historiadores explorassem alguns de seus determinantes e distinguíssem interesses que eram conflitantes daqueles que, de alguma forma, foram compartilhados"⁵⁴; tarefa esta extremamente laboriosa e minuciosa a qual me desafio.

Enfim, o que os sujeitos sentiam desse processo em Uberabinha na década de 1920? Pois digo: saudade!

⁵³ LEVI, Giovanni. Op. Cit., 1992, p. 135.

⁵⁴ SAMUEL, Raphael. Op. Cit., 1990, p. 228.

2 – Da saudade

2.1 - Saudade e morte

O estudo da morte e suas representações desabrochou em minhas pesquisas possibilidades de demonstrações e visibilidades de sentimentos e comportamentos cujas dinâmicas apontaram para composições de estruturas sociais. Ora, mas o que seria isso? A forma pela qual o ser humano se situa em sociedade para reforçar e/ou reformular seus entendimentos e sensibilidades para com a vida se dá propriamente com base em configurações lógicas, mutáveis e compartilhadas pelos sujeitos de um mesmo meio social. José Carlos Rodrigues compreende que "qualquer estrutura de ideias está investida de poderes que se opõem aos poderes antagônicos da ausência de estrutura e do comportamento não estruturalmente enquadrado de indivíduos e grupos"⁵⁵, o que é o mesmo que dizer que a sociedade, enquanto este lugar de convivência entre os seres humanos, é composta por formas ordenadas de conduta que são aprendidas, demonstrando e reforçando o vínculo de um sujeito para com o seu grupo. Estas estruturas, tomadas no sentido da norma, são necessárias e essenciais para o processo de atribuição de significados e sentidos ao mundo, inclusive à morte.

Assim, a morte possui suas manifestações estruturais em sociedade, que muito variam de acordo com a cultura da qual integram, e que fazem o esforço de manter o controle simbólico de seus eventos, pois é justamente esta a função e importância da estrutura social, cujas configurações exercem a gerência daquilo que é inesperado e consequentemente traumático, como é o caso da morte, que, nos termos de Fernando Catroga, precisa então ser exorcizada⁵⁶ através de sua expressão estrutural: o ritual fúnebre. Na minha pesquisa o rito, narrado por meio das notas de falecimento no jornal *A Tribuna*, possibilitou um primeiro contato com comportamentos e sentimentos sistematizados, que também atuaram como ponto de partida para a apropriação de representações em conflito com os discursos progressistas. Por isso, compreendo a discussão em torno da morte como lugar potencializado dos embates entre a realidade normativa e os anseios subjetivos.

Dessa forma, quando primeiro me comprometi ao desenvolvimento de uma investigação sobre a relação dos sujeitos de Uberabinha com o universo simbólico e

⁵⁵ RODRIGUES, José Carlos. Op. Cit., 2006, p. 59.

⁵⁶ O autor compreende o rito como "um acto social de exorcização da morte e de restauração da ordem" (CATROGA, Fernando. "O culto dos mortos como uma poética da ausência". *ArtCultura*, Uberlândia, vol. 12, n.º 20, jan.-jun., 2010, p. 165. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF20/f_catroga_20.pdf>).

estrutural da morte⁵⁷, o ritual fúnebre e suas transformações durante o processo de modernização da cidade eram o grande mote norteador de meus intuitos analíticos, porém o início e descoberta do trabalho historiográfico com as fontes do Arquivo Público de Uberlândia proporcionaram novas e inesperadas experiências que modificaram o enfoque e as questões que previamente me propus a desenvolver. Atribuo grande valor a este caminho que venho percorrendo, inclusive às dificuldades e entraves com os quais me deparo, pois movimentam novas ideias e possibilidades de abordagem do tema; mas principalmente não considero este processo acabado. O que aqui apresento é antes uma obra em construção.

A *Tribuna* foi a primeira fonte com qual tive contato devido a sua disponibilidade, quantidade, estado de conservação e temporalidade⁵⁸, porém, dentre seus incentivos para minha pesquisa, aquilo que foi mais proveitoso se deu ao longo da leitura, através da qual pude compreender o jornal como um lugar de encontro de multiplicidade de pensamentos, que demonstravam aspectos da estrutura social própria desta sociedade, sua relação com demais contexto e as expressões individuais, as liberdades pessoais (nos termos de Giovanni Levi), como é o caso do escrito, já exposto, de Antonieta Villela. Assim, em um mesmo meio de veiculação de ideias pude vivenciar discursos progressistas, ideais higienistas, a expectativa do futuro e do avanço tecnológico convivendo com crônicas, comunicações e poemas saudosos, frustrados com a realidade e, até mesmo, com a própria condição humana. Sobre este cenário múltiplo do periódico apresentado ao historiador, Tania Regina de Luca afirma:

As redações, tal como salões, cafés, livrarias, editoras, associações literárias e academias, podem ser encaradas como espaços que aglutinam diferentes linhagens políticas e estéticas, compondo redes que conferem estrutura ao campo intelectual e permitem refletir a respeito da formação, estruturação e dinâmica deste.⁵⁹

Nesse sentido, a saudade, nos escritos do jornal, me apareceu tal qual um enigma. A repetição do termo e o constante debate sobre este sentimento em diferentes fontes despertou em mim uma inquietação. Ora, por que o enfoque na saudade? Por que tratar disso no jornal?

⁵⁷ A partir do projeto de pesquisa *Viver a morte: análise dos rituais fúnebre católicos de Uberlândia nos séculos XIX e XX* que integrou durante os anos de 2014 e 2015, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), o grupo de estudos *Vida urbana e morte cristã Cemitérios, serviços póstumos e projetos civilizatórios: Triângulo Mineiro (1810-1980)* coordenado pela professora Mara Regina do Nascimento da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

⁵⁸ Apesar de alguns números estarem em processo de restauro, *A Tribuna* pode ser encontrada em duas coleções no Arquivo Público de Uberlândia, sendo que a consultada foi na *Coleção Jerônimo Arantes* que apresenta um bom trabalho de manutenção e conservação das folhas do periódico. Em comparação aos demais jornais da cidade, *A Tribuna* tem extenso acervo, considerando que circulou permanentemente em Uberlândia/Uberlândia durante 25 anos (entre 1919 a 1944, ano em que morre Agenor Paes, de forma que o jornal retorna em 1946, sob nova direção e abordagens).

⁵⁹ LUCA, Tania Regina de. Op. Cit., 2008, p. 141.

Por que ela aparece sob tantas abordagens diferentes? O que pude interpretar e alargar no que diz respeito a estas questões segue a diante.

O envolvimento com esta temática começou logo no início da pesquisa, a partir da leitura, catalogação e interpretação das notas de falecimento, através das quais busquei compreender a estrutura do ritual fúnebre, bem como seu papel para os sujeitos desta sociedade, porém aquilo que mais me cativou foram, e ainda são, as expressões sentimentais que perpassam esse evento, ou seja, pensar não só como se dá, em que condições e porque se dá o rito, mas principalmente o que ele desperta ou o que ele permite manifestar em relação à sensibilidade dos indivíduos. O jornal me auxiliou nestas indagações e aprofundamentos para problematizar o tema, principalmente por carregar narrativas descritivas, adjetivadas no que concerne à morte, diferentemente das notas de falecimento de jornais atuais, cujo obituário é composto basicamente por nome completo e idade⁶⁰.

As notas de falecimento no jornal *A Tribuna* fazem parte da coluna *Vida Social*, na qual se encontram informativos sobre nascimentos, hóspedes e viajantes ilustres, casamentos, bailes, missas, enfermos e, claro, falecimentos, dentre demais denominações. O nome da coluna e sua composição instigam vários questionamentos: estes tópicos seriam aspectos da vida social de Uberabinha em 1920? Quais sentidos e significados possuem? Qual sua função no jornal? Quem os escrevia e quem os lia? Quais sujeitos eram nomeados, e quais eram negligenciados? Por quê? Quem faz parte da vida social de Uberabinha aos olhos do jornal?

Estes termos designam momentos de uma percepção estrutural da vida; estados com representações coletivamente (re)construídas, que marcam e transformam experiências particulares em eventos compartilhados, ou seja, o conceito de "falecimento", por exemplo, carrega em si um sentido que conduz determinadas reações e sensibilidades próprias, aprendidas no seio da sociedade, frente àquilo que a palavra significa para o grupo. Se ao nos depararmos com uma notícia sobre o falecimento de alguém, mesmo que seja um desconhecido⁶¹, somos surpreendidos pela tristeza, dor, consternação, piedade ou qualquer outro conceito relacionado dentro deste encadeamento social que diz respeito à morte, estamos expressando não apenas uma posição individual ou até mesmo humana frente à perda, mas também uma sensibilidade específica à nossa cultura. Pode-se compreender então

⁶⁰ Minha referência para tal constatação é o jornal *Correio de Uberlândia* de grande circulação na cidade atualmente. Seria este mais um elemento que aponta para uma crise da memória na sociedade ocidental do século XX, como compreende Pierre Nora? Obituários objetivos em que o próprio exercício da memória cede espaço para um lugar de memória, automático e democrático.

⁶¹ Mesmo que seja alguém que faleceu há um século! Fato que vivenciei cotidianamente em minhas pesquisas com as notas de falecimento no jornal; meus sentimentos eram um misto de descoberta profissional e uma tristeza curiosa em relação aos atores e autores presentes na escrita.

que na coluna *Vida Social* encontram-se símbolos encarregados de, no eterno dinamismo da estrutura, ativar valores frente às transformações, às rupturas da ordem, sejam estas proporcionadas pela presença de novos atores sociais (como é o caso dos informativos sobre nascimentos e hóspedes e viajantes ilustres), por novos encadeamentos identitários (através do casamento), pela ausência projetada ou constatada (como é o caso dos enfermos e daqueles que faleceram) ou até mesmo pela reafirmação de crenças, comportamentos, sentimentos e memórias que mantêm intenso o vínculo entre os membros do grupo (como podem ser interpretados os convites para bailes e missas).

A presença de nomes familiares dentro desta ordenação dá uma tonalidade pessoal à estrutura, que, diferentemente da ideologia modernizadora, é antes discriminante do que democrática, afinal aqueles nomeados são lembrados, conhecidos e até mesmo valorizados, em contraposição aos outros, esquecidos pela narrativa. Nesse sentido, baseio-me no pensamento do antropólogo Roberto DaMatta⁶² para compreender a dialética de utilização de dois códigos distintos dentro da estrutura social brasileira: um universalista e burocrático, calcado no anonimato e na isonomia, e outro que obedece à uma hierarquia que concede privilégios em estreita relação com o status qualitativo que um indivíduo representa para um coletivo. A mitificação de determinados sujeitos e o esforço de associação para com eles não é algo específico da cultura brasileira, porém o que busco enfocar através de uma vertente antropológica é a constatação de uma configuração, historicamente construída, na qual a sociedade apresenta-se sob uma escala pessoal valorativa. A *Tribuna*, em especial a coluna *Vida Social*, manifesta tal sistema de forma explícita ao trazer acontecimentos vinculados a nomes recorrentes de figuras "ilustres" (para usar um adjetivo do próprio jornal) que, diferentemente de muitos indivíduos, estão em foco; o que ainda não impede a articulação, por mais contraditória que possa parecer, com discursos liberais. O embate que tal situação promove, pode ser analisada, por exemplo, através da nota que (a partir de outubro de 1924) acompanha a coluna *Vida Social* fazendo a seguinte explicação: "*As notícias aqui publicadas serão de preferencia sobre os nossos assignantes e suas familias. Para evitar qualquer omissão contamos com os informes dos mesmos o que desde já agradecemos*". Se existe a necessidade da justificativa, esta se dá em resposta a possíveis reclamações de omissões, pois ter o nome, ou o de pessoas íntimas, grafado nas páginas do jornal é uma maneira de demonstrar poder dentro da estrutura. Daí a disputa e o jogo incessante por um lugar iluminado, que "abre portas" na sociedade. Nesse sentido, a vida social retratada no jornal é

⁶² DAMATTA, Roberto. "Você sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil". In: *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 139-193.

antes a vida social dos assinantes. E quem seriam estes? Tomando tal perspectiva sob o viés de uma análise indutiva, aqueles que assinavam o jornal eram pessoas alfabetizadas com condições de pagar o alto preço do papel; sem dúvida alguma, a elite econômica de Uberabinha. Esta, por meio deste veículo de comunicação, reforçava seu patamar na hierarquia social e suas concepções de mundo.

As notas de falecimento integram tal conjuntura. Os mortos referidos nelas eram sujeitos pertencentes a este grupo de "ilustres" ou a ele se associavam, e, uma vez que suas ausências tornam-se evidentes, é necessária sua ritualização para manter a organização social, que só se constitui enquanto tal, como compreende Mircea Eliade⁶³, a partir de espaços e tempos sagrados situados em contraposição ao caos, que afinal é a própria forma como o mundo se apresenta. Ora, o rito (que em si comporta o velório, o enterramento, a missa, a nota no jornal), tomado enquanto espaço de sacralização frente à tragédia da fragilidade da existência humana, é fundamental nesse sentido, pois apenas através dele que a morte é significada pela sociedade, processo esse que se dá, pois, como escreve José Carlos Rodrigues:

É necessário que a sociedade se aproprie desse processo natural porque, se os indivíduos morrem, ela, pelo contrário, sobrevive. Se ela vê no homem a sua imagem projetada, gravada, as forças que o constituem devem ter a mesma perenidade. A destruição do corpo turva essa imagem, sobretudo enquanto ele se consome. Obriga a sociedade a refletir sobre si e os homens a pensar em seus destinos. Evidencia-lhes as vulnerabilidades. Por isso, o que as sociedades buscam nessas práticas [rituais] é descobrir algo que resista à morte.⁶⁴

Esta é uma concepção cara para minha narrativa: o rito fúnebre como meio de resistência contra a morte, ou, para pensar nos termos de Fernando Catroga, como ato social de exorcização da morte⁶⁵. A interpretação dos elementos rituais, em especial com o enfoque naquilo que se repete ou se diferencia, diz muito sobre a forma como a sociedade constrói suas relações com as dimensões temporais.

O que caracteriza esse rito em contraposição aos demais eventos da vida social? Em que ponto tais aspectos podem ser compreendidos como forma de resistência? E esta, por sua vez, se dá somente em relação à morte? As notas de falecimento contribuíram com essas reflexões tanto por meio de uma perspectiva do esforço do rito no sentido da restauração da ordem frente aos impactos da finitude da vida humana, como no sentido do estabelecimento de um marco social a ser lembrado. O que não quer dizer que memória e estrutura sejam polos opostos, ao contrário, influenciam-se mutuamente. Discorrerei mais sobre o assunto no

⁶³ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes, 3ª edição, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

⁶⁴ RODRIGUES, José Carlos. Op. Cit., 2006, p. 66.

⁶⁵ CATROGA, Fernando. Op. Cit., 2010, p. 165.

capítulo seguinte. Por ora, as notas serão aqui expostas para um exercício minucioso de reimaginar esse imaginado⁶⁶ em torno da morte e do morrer que nos chega pelos periódicos, repletos de adjetivos, significados, sentimentos e desejos de perpetuação de ideias e sentidos, afinal, como bem escreve Michel de Certeau, "A escrita não fala do passado senão para enterrá-lo. Ela é um túmulo no duplo sentido de que, através do mesmo texto, ela honra e elimina"⁶⁷.

Ao selecionar, de forma interessada e arbitrária, termos e enredos, a escrita exclui demais, indica o que chegará explicitamente aos leitores sobre determinado assunto. Assim também o é com as notas de falecimento. Dentre elas, no ano de 1925 e número 289 de edição do jornal *A Tribuna*, encontra-se a seguinte nota que, nesse viés, me permitiu problematizar sobre seus alvos de honra e eliminação:

Vida Social

Falecimento

D. Adelina França Pereira

Terça-feira desta semana, após exgotarem-se todos os recursos medicos, veio a fallecer em Araguay de onde era natural a exma. sra. d. Adelina França Pereira, esposa do sr. dr. Mario da Silva Pereira, conceituado advogado nessa visinha cidade.

A distincta senhora, que pelos seus dotes moraes era conceituadissima no seio da sociedade araguayna, terminou os seus dias com a mais exemplificante resignação, abalando, profundamente, a sociedade em que vivia pela tristeza dos seus ultimos momentos, pela ternura de suas ultimas palavras ao despedir-se de sua filhinha, de seu esposo, de seus progenitores, de seus criados, de seus conterrâneos em fim.

Ao ter noticia do horrivel transe a população de Araguay ffluiu ao palacete do dr. Mario Pereira á rua dr. Afranio, cercando o illustre advogado da mais carinhosa demonstração de pesar.

A noite estiveram presentes as mais conceituadas famílias araguaynas e ao enterro da illustre senhora compareceu a sociedade em pezo, rendendo á infeliz extincta e ao seu desolado esposo a mais justa e elevada homenagem.

Era a exma. Sra. D. Adelina França Pereira, filha do sr. Major Leopoldo França e d. Maria Carneiro França, tendo-se consorciado com o sr. Dr. Mario da Silva Pereira, em Araguay no anno de 1909. Nasceu dessa união á innocent Marina, que conta 3 annos.

O nosso companheiro sr. Francisco Baptista, que se achava em Araguay, representou esta folha, nos funeraes da pranteada senhora, levando á sua familia e ao seu inconsolavel esposo as nossas condolecencias.

O nosso companheiro presente aos funeraes poude ler nas fitas que pendiam das coroas as seguintes inscrições: ultima recordação de Gabriel Mamere e familia; Saudades de Ricardo Paranhos e familia; Saudades de Isoleta José Maria e familia; Homenagem de Abdallah Carde; Saudade de Miguel Netto e familia; Eterna saudade de seu Mario e Mirna; Saudade de Militãosinho, Annalia e filhos; Ultima recordação de seu pae e mãe Leopoldo e Maria; Saudades de Tati e familia; Saudosa homenagem de Zacharias e familia; Saudades de Osíres; Saudades da familia João Pedreiro; Saudades de seus afilhados Nagib e Leonor Zacharias; A' adorada Adelina Norica e Soares; A' Adelina Jade Salomão e familia; Saudades de Dedê e Alice; Homenagem de Raul José de Belem e familia; Homenagem da

⁶⁶ Expressão de Sandra Jatahy Pesavento (1995, p. 17) que escreve que "o passado já nos chega enquanto discurso, uma vez que não é possível restaurar o real já vivido em sua integridade. Neste sentido, tentar reconstituir o real é reimaginar o imaginado".

⁶⁷ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 108.

familia Agude; Lembranças de Paulino Abdallah e familia; A Adelina ultimo adeus de Alcina Magalhães; Homenagem de Luzencourt Brasil; Saudades de Jorge Mamere e familia; Saudades de Pompeu Grade e familia; Saudades de Calogeras; Saudades da familia Ferreira Alves; A' inesquecível netta lembrança de Isolina França; Lembranças de Dafico e Tuca; Homenagem de Serraria Progresso; Ultimo adeus de Clarimundo Cruz e familia. Haviam outras inscrições que não nos foi possível ler.⁶⁸

Esta nota de falecimento, presente na coluna *Vida Social* (a qual já me referi), é relativamente grande em comparação a outras e esta é uma característica interessante do jornal: não possuir aparentemente um padrão de tamanho e conteúdo nas notas, ou melhor, possuir sim um padrão, porém não pautado na isonomia, mas antes na hierarquia social, marcada pelo domínio do poder econômico. Veja bem, os sujeitos nela referidos respondem a este esforço de composição da ilustre "sociedade araguaryna", que se faz honrada e cuidadosamente registrada. O que pude perceber na leitura e interpretação dessas notas (não apenas em relação aos falecimentos, como também nos demais tópicos da *Vida social*) foi que quanto maior o espaço destinado à notificação de determinada pessoa, maior o status, poder e influência social que esta tem para o grupo.

A existência e patamar da sociedade araguaryna é edificada no sentido da expressão comumente utilizada de "alta sociedade", ou seja, de uma conjuntura elitizada, cujo grupo em enfoque é caracterizado por possuir respeitáveis funções, grandiosas moradias ("palacetes"), e ser modelo de conduta moral e organização familiar. Tais ideias reforçadas no jornal permitem refletir o estreito vínculo que a mídia possuía com os interesses da classe economicamente dominante neste contexto. Fator este paradoxal quando tomado em relação às críticas feitas frente ao ideal de progresso, principalmente por meio de recursos literários publicados neste mesmo jornal, *A Tribuna*. Ora, talvez os projetos e ideais burgueses não sejam tão homogêneos e hegemônicos assim...

A falecida, mencionada no jornal, tem o reconhecimento social construído, em especial, por meio da referência ao marido, cujo status é reforçado pela profissão de ("conceituado") advogado. Nesse ponto, o valor que a figura masculina tem na estrutura social parece se destacar, também para se situar nela, seja como filha, esposa ou mãe; afinal D. Adelina tem sua importância justificada pelo vínculo com demais sujeitos, exemplos para a sociedade produtiva, sendo ela filha e esposa de homens cujos títulos de major e doutor, respectivamente, antecipam seus nomes, e por eles se tornam ilustres e honrados. Daí a prática de substituir o sobrenome do pai pelo do marido ao se casar: é a simbolização da posse e da fonte de sustento que muda para a mulher burguesa do início da década de XX. A

⁶⁸ 03/05/1925. Jornal *A Tribuna*, coleção Jerônimo Arantes, Anno VII, Uberabinha, NUM. 289. Arquivo Público de Uberlândia.

questão da produção e do trabalho como a própria essência do ser e do poder na modernização perpassa os diferentes discursos, inclusive aqueles de uma nota de falecimento.

Dentre as concepções que compõe o discurso presente nesta fonte, logo no início, encontra-se a referência à morte enquanto resultado do esgotamento de recursos médicos. Mais uma vez, a relação de oposição entre medicina e morte se faz presente, esta enquanto "horrível transe" e aquela como fator (limitado) de alongamento da vida e, como já citado, nos termos de José Carlos Rodrigues, de manutenção do funcionamento da máquina humana de produzir. Assim, com o frágil e incipiente conhecimento médico, que pela perspectiva do progresso tem muito ainda por evoluir, D. Adelina viu terminar seus dias, porém com uma conduta admirável e exemplificadora para o restante da sociedade.

Este comportamento modelo em relação ao momento da morte é composto pelos termos “despedida”, “resignação”, “inocência”, “ternura” e “tristeza”; palavras que atribuem grande carga sentimental ao evento que, dessa forma, é narrado como que para tocar, comover o leitor, mas principalmente lhe instruir em relação à conduta que se deve ter nos últimos momentos da vida. A nota atua como instrumento de ensino do bem morrer.

O elemento dor no momento da morte, cujo enfoque para evolução da alma é reforçado na fonte *A morte* escrita por Antonieta Villela em 1920 (cinco anos antes da nota sobre o falecimento de D. Adelina), aqui parece não ter tanto destaque, em seu lugar, o indispensável para esta morte exemplificadora, está o fator da despedida. Uma despedida não apenas com relação à família, aos sujeitos de convivência, mas antes com toda a sociedade, e cuja ação comporta em si o conteúdo mesmo significativo de todo o ritual fúnebre.

A despedida torna social o acontecimento natural da morte, portanto o rito é um espaço de encontro e mecanismo de socialização, através da manutenção dos vínculos por meio da ação de ir prestar os pêsames (cuja construção narrativa da nota lhe atribui aspecto positivo), ou seja, de se despedir. Além do encontro e do reforço dos laços que se dá no ritual fúnebre, a despedida é o meio de fazer resistir, frente à finitude, a memória, então coletivamente reformulada e compartilhada através da homenagem. Este "último adeus" que aparece recorrentemente nas coroas de flores é repleto de simbolismo e afeto, e atua no sentido em que Michel de Certeau escreve de honrar e eliminar. Eliminação esta para reestruturar o caos, o trauma (mesmo que espiritual e existencial) que afligiu a sociedade. A despedida é o marco para organização da ordem na estrutura social que só consegue se recompor sabendo que a memória resiste a morte, assim como os sentimentos ligados à ela.

O sentimento entra em foco e, com base na nota de falecimento de D. Adelina, este é marcadamente denominado pela saudade. Esta palavra compõe a própria imagem que se

constrói do rito por meio de sua presença intensa nas coroas de flores, cautelosamente registradas. A catalogação das legendas de tais coroas é recorrente no jornal, em especial nas notas de falecimento de grande porte, daqueles que se despontam desta sociedade ilustre. A saudade está sempre presente, ela é essencial nesse momento de despedida-homenagem, e se manifesta sob uma forma quase que coreografada; mas o que é esta saudade? Ela se dá de forma mecânica e imediata frente à morte? Qual seu papel no ritual? Para me aprofundar nessas questões também tomarei como base a nota de falecimento, do ano de 1920, referente à morte da inocente Zizinha:

Vida Social

Falecimentos

Finou-se, em dias desta semana, a inocente Zizinha, filhinha do Sr. José da Costa Carvalho, tendo sido o seu enterro realizado no mesmo dia, um dos mais bellos acompanhamentos que já nos foi dado assistir nesta cidade. Compunham as duas alas do acompanhamento as alumnas do Collegio N. Senhora da Conceição e os alumnos do Gymnaso de Uberabinha. Todos em forma e quase todos empunhando lindos ramalhetes de flores naturaes. Pelo nosso diretor e sua esposa, bem como pelos demais tios da innocente fallecida, foram offerecidas coroas com sentidas legendas. Entre as mesmas pudemos ler 'A Zizinha, saudades de seus avós; a Zizinha, saudades de seus tios, Serafim e Alice, lembranças de seus tios Albertos e Hermia,... de seus tios Agenor e Alvina, saudades de seus irmãzinhos,... saudades de suas primas Addi, Elen, Mary, Daise; saudade de seus paes.⁶⁹

Esta nota possui certos pontos diferentes e comuns em relação à de D. Adelina. Em particular, é um informativo sobre o falecimento de uma criança (ou poderia ser uma jovem), o que demonstra uma abordagem específica no que diz respeito à construção discursiva sobre sua morte, caracterizada, em especial, pela representação de anjinho que perpassa os termos e imagens produzidos pela nota. A referência que aqui tomo como um registro e honraria a uma criança diz respeito aos adjetivos empregados, sendo estes "inocente", "belo", "lindo" e "sentida", e seus respectivos sentidos na narrativa, cuja articulação compõe um cenário imaculado com base no imaginário religioso cristão, predominante na cultura da "ilustre" sociedade de Uberabinha. Para além das ideias que perpassam a morte precoce e apontam para uma determinada concepção religiosa e existencial, esta se faz perceptível pela estrutura ritual na qual a despedida se desenvolve socialmente. Os lugares e condutas delimitados para este evento expressam a crença e a organização que estas pessoas encontravam como forma de eliminar o trauma da morte, de forma que a nota descreve alguns destes elementos como o enterramento, o acompanhamento com alas, a presença de estudantes, suas disposições (descritas como "em forma"), os ramalhetes de flores naturais e, claro, a coroas com legendas destinadas à Zizinha.

⁶⁹ 06/08/1920. Jornal *A Tribuna*, coleção Jerônimo Arantes, Anno I, Uberabinha, NUM. 48. Arquivo Público de Uberlândia.

O rito demonstra o cuidado que se tem com o morto e com sua passagem para o além mundo, sendo ele mesmo encarado enquanto elo intermediário entre o meio material e o espiritual. A criança, em especial, mesmo em vida possui relação com o sagrado; sua morte potencializa esta proximidade, e a imagem (construída pela particularidade das formas e conteúdos do ritual fúnebre) de anjo é o grande discurso que perpassa esse evento, atribuindo-lhe certo aspecto solene, por vezes, inclusive, interpretado como comemorativo⁷⁰. Esta é uma característica que permite ampliar a reflexão em torno dos sentimentos e representações da morte e da criança. A modernização (na sua relação com a incessante busca pelo progresso, bem estar, higienização) promove uma baixa na taxa de mortalidade infantil, o que necessariamente transforma as percepções que se estabelecem entre a comunidade e este acontecimento, que, porém, não deixa de ser uma cerimônia significativa em que, desde do século XIX (para tomar o marco no qual, segundo Philippe Ariès⁷¹, a criança definitivamente se difere do adulto no imaginário social), "havia bastante lugar para a expressão inequívoca de afeto e consideração para com a criança morta"⁷².

A nota de falecimento de Zizinha se encontra com este debate, uma vez que seu funeral é descrito como um evento de pompa, com diversos objetos e momentos simbólicos, e presença de várias pessoas que então prestam suas homenagens, através das quais se torna visível a manifestação afetiva por meio das fitas expressando saudade. Este sentimento é, por sua vez, um elemento comum em relação à nota de D. Adelina (e muitas outras descritas no jornal *A Tribuna*); ele aparece sempre nas legendas das coroas de flores, nominando aqueles que as oferecem e por isso mesmo sentem a ausência do falecido. Sua função é extremamente importante para a atribuição (individual e coletiva) de significado à morte, afinal as coroas são a própria materialidade do sentimento e as legendas seu referencial linguístico.

Estes aspectos existenciais e abstratos do humano adquirem formas específicas que tornam inteligível nossa presença e nossas ações no mundo. O ritual fúnebre não foge a esta atividade. A expressão obrigatória do sentimento, no caso a saudade, presente nele, de acordo com a teoria de Marcel Mauss⁷³, fixa as condições, o tempo e os sujeitos que a exercem, por isso ela é essencialmente estrutural, social e não-espontânea, o que não quer dizer que sua função seja desprovida de significação profunda, ao contrário, ela é a própria linguagem do

⁷⁰ VAILATI, Luiz Lima. "Os funerais de "anjinho" na literatura de viagem". *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 22, n.º 44, 2002, p. 368.

⁷¹ ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1973.

⁷² VAILATI, Luiz Lima. Op. Cit., 2002, p. 369.

⁷³ MAUSS, Marcel. "A expressão obrigatória de sentimentos". In: *Marcel Mauss : antropologia*. Roberto Cardoso de Oliveira (org.). Tradução de Regina Lúcia Moraes Morel, Denise Maldi Meirelles e Ivonne Toscano. São Paulo: Ática, 1979.

rito. Nas palavras do autor: “É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica”⁷⁴.

O que então esta saudade diz aos participantes do evento?

A saudade, no exercício constante de lembrar e projetar, reforça a tarefa de um não-esquecimento, atribuindo grande valor àquilo que não se faz mais presente, vencendo a morte por meio de uma lembrança que honra, mas que também elimina, nunca por completo, o aspecto efêmero e vulnerável da vida, e ao mesmo tempo aparece enquanto uma oferenda ao falecido, cuja expressão é extremamente estrutural e social, como quem diz "frente à sua ausência respondo com saudade", saudade esta cuja legenda nas coroas de flores lhe dá um caráter intrínseco à morte, imediato ao óbito, ela não precisa de maturação d'alma no tempo para ser sentida.

Não me caberia defender se é ou não saudade o que se faz professar no ritual fúnebre, mas antes apontar para sua denominação e o papel essencial que lhe é atribuído neste momento; papel este cuja interpretação exprime a complexidade de seu conteúdo. Ora, a saudade parece se encontrar no limiar entre o dever de memória e o trabalho de luto, para pensar nos termos de Paul Ricoeur. Para o autor, o termo “trabalho” implica mesmo em um exercício que se dá ao longo do tempo, e que no caso da perda significa se desvencilhar, aos poucos, dos sentimentos intensos que nos submetem ao seu domínio; tarefa esta que nunca se completa e que se contrapõe ao dever de memória, imperativo do não-esquecimento e que está dado. Nas palavras de Ricoeur, “o que falta ao trabalho de memória e ao trabalho de luto para se igualarem ao dever de memória [...] é o duplo aspecto do dever, como que se impondo de fora ao desejo e exercendo uma coerção sentida subjetivamente como obrigação.”⁷⁵.

Aqui se faz presente a grande questão que perpassa, não apenas no ritual fúnebre, os entendimentos em torno da saudade: o desejo. O dever de memória, no viés do pensamento de Ricoeur, parece desprovido de desejo, em seu lugar encontra-se a obrigação; por sua vez, o trabalho de luto é o exercício da memória desejosa de elaborar a perda. A saudade, sendo afeto e estrutura, comporta em si o desejo? Sua manifestação nas notas de jornais é simples registro de um elemento cujo significado foge aos participantes do evento? Ela é automática? Ou seria esta saudade o próprio marco inicial de um desejoso trabalho social de memória e

⁷⁴ Ibidem, p. 150.

⁷⁵ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007, p. 101.

luto? O imperativo do não-esquecimento não é necessariamente carente de desejo, e a saudade parece ser o elo perdido na relação entre o dever de memória e o trabalho de luto.

2.2 - Saudade e desejo

Neste ponto abro um breve espaço para refletir a relação entre a saudade e o desejo, questão que perpassa o debate fenomenológico da saudade, bem como das interpretações dos diversos autores⁷⁶ que se dispuseram a escrever sobre este sentimento.

Afonso Botelho⁷⁷, escritor português, compreende que o processo de produção literária própria de Portugal sobre a saudade deu a esta momentos (o que o autor chama de períodos) diferentes entre si, de acordo com produções particulares, porém tais transformações estiveram sempre marcadas pela oscilação valorativa entre o impulso do desejo e o refluxo da lembrança. Esta reflexão minuciosa do autor me permitiu aprofundar no que seriam aspectos de uma possível saudade em si. O que a tradição intelectual tem repensado em termos de saudade, é como esta denominação específica da língua portuguesa quer dizer algo de mais universal e humano, para além da identificação patriótica que este sentimento adquiriu desde os primórdios da modernidade. Por isso que, seguindo as reflexões de Botelho, aquilo que é intrínseco à saudade, e cujo entendimento também se faz presente em Eduardo Lourenço, é a vivência da ausência, a própria experiência sentimental de seres de tempo, que só é possível pela dinâmica, através da qual o desejo é despertado e então se move no sentido da supressão da perda, sendo ainda permanentemente transformado pela "lembrança da memória criativa"⁷⁸. Esta é, nos termos de Afonso Botelho, a dialética saudosa.

O desejo desponta como elemento primordial do fenômeno saudoso⁷⁹, porém não se confunde com ele, afinal a saudade, nesse sentido, é antes condição de existência e o desejo potência no tempo. Existiria então, sob um viés de um debate universal, saudade desprovida de desejo? Saudade imóvel? Aparentemente não, ela só existe, pois sua dialética lhe dá vida. A saudade então expressa no ritual fúnebre seria algo além de saudade? Ou talvez, seria ela saudade, desejosa como é, porém desvinculada de uma obrigação, de um dever de memória? Qual seria então o seu conteúdo de ação simbólica? Este paradoxo, no que diz respeito a um

⁷⁶ Para citar alguns: D. Duarte, Teixeira Pascoaes, Fernando Pessoa, Leonardo Coimbra, Eduardo Lourenço e Durval Muniz de Albuquerque.

⁷⁷ BOTELHO, Afonso. *Da saudade ao saudosismo*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: Ministério da Educação, 1990. (Biblioteca Breve, vol. 118).

⁷⁸ Ibidem, p. 136.

⁷⁹ Veja bem, esta não é uma reflexão em torno de uma representação específica da saudade, mas sobre seu sentido ideal, universal.

diálogo interdisciplinar sobre a saudade, parece apontar antes para profundas perguntas do que prováveis conclusões.

Eduardo Lourenço, filósofo português, também aponta para o aspecto universal da saudade, por meio de um olhar fenomenológico, levantando a seguinte questão: “Não será saudade um nome, entre outros, com que se exprime alguma coisa de mais universal – precisamente a dificuldade para todo ser, feito de tempo, de 'estar no mundo'?”⁸⁰. Esta perspectiva de uma saudade em si, que inspira escritores e artistas a lhe darem contorno próprio, é o ponto de partida de qualquer entendimento em torno deste estar no mundo, que, como defende Lourenço, em Portugal é antes uma mitificação do que uma definição concisa, ou seja, é antes um processo no qual esta espécie de melancolia feliz, real conteúdo cultural da saudade, se cola à identidade nacional portuguesa, porém a proposta reflexiva do autor é de problematizar esta aclamada dor lusíada, afinal sua denominação não é algo específico de um lugar e um tempo, mas da própria existência humana. Daí que Eduardo Lourenço escreve que “A saudade não é da ordem da representação, mas da pura vivência”⁸¹.

Esta saudade, que não cabe ao campo do discurso e da metamorfose, é antes um recurso, exercício da razão, de pensar em termos da condição sensível da vida, aquilo que implica a cada ser de tempo sentir frente à realidade que o rodeia. Compreendo tal sentimento como sendo universal, em contraposição ao condicionamento estrutural cotidiano da ordem da representação, por movimentar a sensibilidade do indivíduo para além de seu contexto, lhe colocando questões metafísicas e independentes das particularidades de sua materialidade. A saudade se situa neste cenário e, em diálogo com Eduardo Lourenço, é em sua essência desejosa, pois sem desejo não há incomodo, desassossego, não há dificuldade e nem o despertar para a condição vivente na qual qualquer ser se encontra. Como escreve Afonso Botelho sobre as duas vias etimológicas vinculadas ao termo desejo: “A primeira faz ascender o desejo a *desidia*, posição de imobilidade. A segunda procura o sentido de *desiderium*, que é a mobilidade do ser na direção do que lhe falta”⁸². Buscando ou não suprir a ausência por meio da ação, a saudade não lhe é alheia, se relaciona a ela com desejo, um desejo que rompe as barreiras do tempo, frente à experiência que coloca a finitude e a transformação como inevitáveis. Nas palavras de Eduardo Lourenço: “Sob outros nomes ou sem nome, a saudade

⁸⁰ LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 32.

⁸¹ Ibidem, p. 33.

⁸² BOTELHO, Afonso. Op. Cit., 1990, p. 137.

é universal, não apenas como desejo de eternidade, mas como sensação e sentimento vividos de eternidade. Ela brilha sozinha no coração de todas as ausências"⁸³.

A saudade universal, própria do ser e permeada de desejo para com aquilo que é ausente, é um fenômeno intelectual cuja reflexão abre maior espaço de diálogo para com suas representações específicas. Ela é uma referência para a problematização do mito da saudade em Portugal, do elemento ritual em Uberabinha, da construção de um discurso de resistência e do projeto de memória. Para aprofundar este debate retomo o jornal *A Tribuna*, tão valioso para esta análise, em especial o texto de 2 de fevereiro de 1925, no qual se lê:

A saudade Portuguesa

Será a saudade portuguesa uma nostalgia antiga que as nossas almas ternas herdaram dos marinheiros que iam nas caravellas da Índia e deixavam os seus em aldeias, estremenhas, minhotas beiroas ou para de trás os montes?

Será este apego a gostar sò do que é seu e cujo afastamento logo causa nostalgicas dores, um gasto romanticismo amolentador da vontade, peando quem precisa e deve de palmilhar o mundo para o conhecer e conquistar?

Será um entorpecedor quebranto que nos açapa numa porção limitada da Terra, como concha collada ao seu penedo, ou como tourrão contumaz no seu buraco, fazendo do mundo inteiro unicamente aquelle bocadinho em que se vive?

Será pernicioso sedentarismo? Será individualismo estreito, confinado em curto horizonte, onde o espírito se não lhe dilata, por não se renovar o ar respirado? Será inaptidão para a desconfortabilidade que, por vezes as viagens apresentam? Será pobreza da alma restricta de sympathia? Será impotencia de amor universal? Será incapacidade de expansão humana? Será uma alma em estacionamento de Tempo e em quedamento obstinado de Espaço?

Anthero de Figueiredo⁸⁴

O que a princípio me instigou neste texto foi o título e a temática, porém após uma investigação superficial mais um elemento chamou minha atenção: a autoria. Antero de Figueiredo, escritor português que viveu na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, marcou a literatura de seu país e a saudade é algo significativo em suas reflexões. Com base nestas considerações, uma questão irrompe: como *A saudade portuguesa* teria encontrado seu rumo para ser então publicada em um periódico de Uberabinha em 1925? E ainda, dentre tantos escritos de Antero Figueiredo, por que ela foi selecionada? O exercício de pensar uma breve reconstituição da possibilidade de caminho deste texto tem sua importância resguardada neste trabalho, pois permite alargar o campo através do qual a saudade, como ponto de debate no processo de modernização, é evidenciada. Este mesmo escrito se encontra na publicação de março de 1924, do periódico carioca *América Brasileira*, n.º 27 e ano III⁸⁵. Este poderia ser um meio pelo qual *A saudade portuguesa* teria chegado à

⁸³ LOURENÇO, Eduardo. Op. Cit., 1999, p. 15.

⁸⁴ 02/02/1925. Jornal *A Tribuna*, coleção Jerônimo Arantes, Anno VII, Uberabinha, NUM. 277. Arquivo Público de Uberlândia.

⁸⁵ ??/03/1924. Periódico *América Brasileira: resenha da actividade nacional*, Anno III, Rio de Janeiro, NUM. 27, p. 78. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/060059-13>>.

Uberabinha e influenciado o jornal *A Tribuna*, o que quer dizer ainda que a temática da saudade, por mais que tenha encontrado seu destaque neste trabalho por meio das fontes locais de Uberlândia, não está restrita a este tempo e espaço; acredito antes que seu apelo se dá em relação de contraposição ao processo modernizador, que também imprime suas marcas na cidade do Rio de Janeiro nos séculos XIX e XX.

O que Antero de Figueiredo⁸⁶ quer dizer com este texto? Quais são seus intuíto? Por que *A Tribuna* o propaga? Logo no título o autor estabelece uma particularidade de suma importância para o desenvolvimento de uma interpretação no que diz respeito à compreensão de saudade então defendida; a referência não é sobre a saudade, enquanto sentimento universal, mas à saudade portuguesa. Nesse caso, existe uma diferenciação sobre a saudade de tipo específico e seu correspondente ideal. A saudade portuguesa se relaciona à própria construção do processo histórico e da identidade nacional de Portugal, sendo a literatura um instrumento fundamental deste movimento no qual as viagens de navegação se tornam signo da pátria, e o sentimento saudoso resultado deste afastamento. Daí a justificativa da saudade ser própria de Portugal, ser um sentimento que une a nação e a representa. Durval Muniz de Albuquerque escreve sobre esta vivência característica da experiência e elaboração cultural lusitana, apontando para o aspecto pedagógico que implica a sensibilidade de um povo e seu discurso.

Esse drama coletivo da partida de pessoas com as quais se mantêm vínculos afetivos e existenciais parece dar origem a uma espécie de luto coletivo, pois a presença da morte nessas viagens era também uma constante. Essas experiências que eram, ao mesmo tempo, individuais e sociais, constituíam, podemos dizer, uma verdadeira escola de como sentir saudade, elas nos parecem mobilizar verdadeiras pedagogias do sentir saudoso.⁸⁷

Esta saudade portuguesa implica uma relação sensível para com a terra natal. Por que então, no Brasil, tal sentimento também aparece com força? Talvez, com nome de saudade ou com qualquer outro nome, a urgência de vínculo com as questões pátrias, também em Portugal, fomentou um despertar afetivo dos cidadãos para com seu país, seu estado, sua cidade. O periódico *América Brasileira* tinha a principal preocupação com tópicos de ordem nacional, assim como *A Tribuna* em Uberabinha, e o recurso do sentimento saudoso só faz intensificar este posicionamento midiático de formação, com base na influência cultural

⁸⁶ Optei pela referência ao nome "Antero", ao invés de "Anthero", pois, apesar de no jornal *A Tribuna* estar assinado com "h", em demais obras, inclusive no periódico *América Brasileira*, o nome do escrito português aparece como "Antero de Figueiredo".

⁸⁷ JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. "Pedagogias da saudade: a formação histórica de consciências e sensibilidades saudosistas. A vida e o trabalho do poeta e professor português António Corrêa d'Oliveira". *Revista História Hoje*, vol. 2, n.º 4, 2013, p. 161. Disponível em: <<https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/95>>.

lusitana (que, porém, adquire traços singulares no Brasil), de uma sensibilidade social de amor pela nação.

Com base na leitura do texto, porém, esta saudade parece não encontrar sua valorização como nas abordagens em torno da saudade universal; o mito deste sentimento enquanto identidade portuguesa é reforçado, mas por um viés da crítica ao estado melancólico que a saudade influi. Em *A saudade portuguesa*, esta encontra sua relação com a nostalgia, sendo ainda definido como "apego a gostar só do que é seu", "gasto romanticismo amolentador da vontade" (compreendo esta vontade como correspondente ao desejo), "entorpecedor quebranto", "pernicioso sedentarismo", "individualismo estreito", "inaptidão para a desconfortabilidade", "pobreza de alma restricta de sympathia", "impotencia de amor universal", "incapacidade de expansão humana" e "alma em estacionamento de Tempo e em quedamento obstinado de Espaço".

O que tais definições querem dizer? Acredito que elas apontam para um mesmo rumo: uma saudade enquanto estado estático frente à vida. A representação que Antero de Figueiredo constrói é de uma saudade que imobiliza. Saudade cujo desejo é o inverso da transformação. Saudade que individualiza e separa os seres. Neste texto, a dinâmica saudosa, para pensar nos termos de Afonso Botelho, parece imbuir maior refluxo da lembrança do que impulso do desejo à saudade portuguesa. As expressões nele utilizadas indicam uma ideia de isolamento, confinamento, comodidade, estacionamento. Nesta saudade o desejo não está em foco, em seu lugar a lembrança ganha destaque, uma lembrança que paralisa. Seria esta saudade da ordem da vivência? Seria ela universal? Sua delimitação enquanto portuguesa pode ser interpretada tanto como um ponto de partida histórico-cultural para refletir sobre este sentimento, quanto um mecanismo de crítica bem direcionada ao povo português.

Talvez, o que urge, aqui neste momento, é a necessidade de desconstruir um mito em torno da saudade lhe alegando algo de maior abrangência, ou seja, o desejo presente no discurso de Figueiredo se faz presente no sentido de repensar a saudade e projetar um desvencilhamento de seu suposto domínio de estacionar as almas no tempo e no espaço. Nesse viés, pude perceber um movimento intelectual a partir do qual a saudade adquire uma tonalidade diferente, deixando de se relacionar estritamente com questões de cunho patriótico, para ser pensada em termos da existência humana. As metamorfoses que marcam o século XX (tanto no Brasil como em Portugal) promovem um rebuliço em torno das

representações da saudade, e sua expressão está grafada nas folhas de jornais da década de 1920⁸⁸.

Quais funções serão exploradas no sentido de designar a saudade no viés das novas necessidades? Sua relação com a vivência seria influência mesmo do processo modernizador? De uma realidade tão complexa e múltipla que fez com que o olhar para o interior fosse um recurso de sobrevivência e atribuição de significado à vida e ao mundo? Para Giulio Carlo Argan: "Se a cidade não se tivesse tornado a megalópole industrial, as filosofias da angústia existencial e da alienação teriam bem pouco sentido e não seriam – como no entanto são – a interpretação de uma condição objetiva da existência humana."⁸⁹. Promoverei então uma reflexão no sentido de pensar o lugar da saudade em sua relação com um processo transformador da sociedade, seu imaginário e sua sensibilidade, sem desconsiderar como, neste sentimento, está imbuída uma compreensão social de sua manifestação para com a morte (por meio do ritual fúnebre), assim como também há um debate sobre sua essência, além de uma historicidade que lhe agrega um status mítico, patriótico e próprio da cultura portuguesa. Aspectos estes dinâmicos e contraditórios, cujo discurso histórico, que aqui me desafio em compor, é antes uma forma frágil de lhes atribuir lógica.

Sob nova ótica, a saudade tem seu valor e seu uso transformados, de forma tal que as concepções lineares e progressistas de tempo, próprias do processo modernizador, não são aspectos indissociáveis de suas metamorfoses e apropriações. Estas, no contexto de Uberabinha da década de 1920, não se dão de forma aleatória. Assim, cabe questionar quais significados, ainda não explorados neste cenário, são incorporados nesta relação do ser com o tempo, e conseqüentemente com a ausência, compreendendo que este movimento é necessariamente social e implica em um aprendizado que é compartilhado pelos membros de um mesmo grupo. Como escreve Durval Muniz de Albuquerque Junior, “A saudade não basta ser sentida para existir, ela deve ser, antes de tudo, conceituada como tal, deve ser nomeada, chamada de saudade e materializada em gestos, ações, reações, performances.”⁹⁰ Além de sua presença nas notas de falecimento como registro dos escritos nas legendas das coroas de flores no ritual fúnebre (que em si comporta um sentido pedagógico do ser saudoso), a saudade aparece em demais textos no jornal *A Tribuna* (como é o caso de A

⁸⁸ As pesquisas feitas para este trabalho não me permitiram maior aprofundamento no estudo de periódicos em demais localidades, porém ousou dizer, com base nas investigações promovidas até então, que *A Tribuna* é um exemplo deste processo em Uberabinha, *América Brasileira* no Rio de Janeiro, e *A Águia* no Porto.

⁸⁹ ARGAN, Giulio Carlo. Apud BRESCIANI, Maria Stella. "A Cidade - Objeto de Estudo e Experiência Vivenciada". *R. B. Estudos Urbanos e Regionais*, vol. 6, n.º 2, novembro, 2004, p. 10. Disponível em: <<http://unuhoospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/article/view/113>>.

⁹⁰ JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. Op. Cit., 2013, p. 156.

saudade portuguesa) cuja conceptualização me pareceu apontar para um caminho em descompasso ao do progresso modernizador. Um exercício denominador deste sentimento, no sentido em que defende Albuquerque Junior, encontra-se no terceiro ano de publicação do periódico, do dia 20 de novembro de 1921:

Saudade

A minha cara Brasília

Saudade – doce vocabulo – doce pronuncia que suavemente se destina nos lábios.

Saudade, bella expressão unicamente bella, sem rival! Não há em lingua alguma um outro termo que exprima tão bem, tão precisamente, - esse - da lingua do grande épico portuguez.

Os estrangeiros, por mais que busquem nas suas páginas originais um equivalente á *saudade*, todavia não encontram. Os americanos do norte invejam a belleza e doçura desta dicção. Os italianos confundem-se e, ebalde, invocam à sua imaginação o desejado rival para esse trisyllado. Os francezes com o seu *souvenir*, segundo parece, aproximam-se mais da nossa palavra em questão, quer na suavidade de pronuncia, quer na forma.

Saudade - affirmação essa incomparavel a outra, que traduz tão pura e claramente um sentimento; que absoluta e subtilmente se exprime.

Haverá, pois, entre os mortaes quem nunca experimentou a sensação doce e, não obstante, pungente e esmagadora da *saudade*?

Muita das vezes, este sentimento transporta-nos a novos mundos; envolve-nos em ternas caricias. Outras vezes, esta mesma emoção esmaga-nos a alma e cobre-a de luto.

Qual é coração de mãe que jamais deixou de gemer *saudade* á lembrança do ente querido que partiu para não mais voltar? Onde o coração que jamais gelou á presença da *saudade* de seus dias idos?

Todos os corações estão, sim, contaminados dessa enfermidade frequente. O proprio irracional sente, tambem, *saudade*. O monstro soffre *saudade*.

Portanto, *saudade* – bella em si propria, sublime, significativa, dolorosa outrosim, sobresaee dentre todos os outros idiomas pela sua seductora particularidade.

Antonieta Villela⁹¹

Este escrito chamou minha atenção tanto pela temática como pela autora. Antonieta Villela, nome já familiar neste trabalho devido ao texto *A morte*, tem mais uma vez seu espaço resguardado na problematização sobre a saudade, por meio do jornal *A Tribuna*, em Uberabinha da década de 1920. A reflexão que a autora promove, no que diz respeito à denominação e definição do sentimento em questão, me permitiu explorar os discursos e seus fundamentos permanentemente construídos em torno das representações dinâmicas saudosas.

Ainda, nesta ponderação inicial, ressalto que este texto é anterior ao de Antero de Figueiredo. Ambos buscam pensar poeticamente a saudade, porém por vias que ora se distanciam, ora se aproximam, afinal, apesar de terem sido produzidos por autores diferentes e em lugares diferentes, estão mutuamente influenciando um movimento amplo de pensar a saudade em uma sociedade modernizada. A seleção e organização das fontes que aqui proponho não se dão no sentido de estabelecer uma ordem cronológica dos eventos, mas antes uma lógica complexa, de construção de um projeto, no qual o ir e vir são as instâncias

⁹¹ 20/11/1921. Jornal *A Tribuna*, coleção Jerônimo Arantes, Anno III, Uberabinha, NUM. 1??.

norteadoras do debate, o que demonstra a dinâmica de articulação por meio da qual um processo de transformação é constituído, ele nunca é mecânico, cronológico, mas diverso em seus rumos.

A saudade é referida, quase em todas as suas aparições no texto, em itálico, o que faz enfocar antes o termo, "bella expressão unicamente bella", em relação ao seu significado. O sentimento é fortemente vinculado à língua portuguesa neste discurso, e consequentemente a esta identidade, ponto este no qual *Saudade* de Antonieta Villela se aproxima de *A saudade portuguesa* de Antero de Figueiredo. No caso, a questão de uma cultura linguística, para além do aspecto nacional, parece ser a plataforma inicial da construção de um entendimento a ser compartilhado (daí o recurso eloquente e cativante) sobre a saudade. Esta é valorizada inclusive por sua singularidade portuguesa, que soube, como nenhuma outra língua, lhe atribuir um sentido fiel ao seu referencial ideal, segundo a autora, cujo pensamento se expressa na indagação "Haverá, pois, entre os mortaes quem nunca experimentou a sensação doce e, não obstante, pungente e esmagadora da *saudade*?".

A saudade parece encontrar aqui seu caminho para uma compressão mais universal de seu estatuto, como própria vivência humana, já que a condição de mortalidade nos suscita esta experiência sensível. Tal ideia passa a ganhar forma, porém ela não necessariamente se contrapõe à saudade específica, como a saudade mítica portuguesa. Ambas estão presentes em constante diálogo. Essência e representação estão em dinâmica, assim como o desejo e a lembrança e, de acordo com as posições de cada autor, a saudade adquire particularidades, não isoladas entre si. Antonieta Villela desperta um olhar para esta ambiguidade no que concerne aos aspectos feliz e triste ("sensação doce" e "pungente e esmagadora") que a saudade apresenta, que parecem se situar precisamente na atuação da lembrança sobre o desejo, afinal quando este é uma potência de realização, quando a lembrança nos permite um deslocamento de tempo e espaço, no qual o desejo de eternidade e imortalidade encontra sua manifestação, a saudade é uma sensação feliz, que, porém, se despedaça para dar lugar às angústias e às tristezas próprias da incapacidade de reaver aquilo que lhe inspira felicidade, é a frustração da *desiderium*. A morte é justamente este evento, ao qual só foge aquele que tem sua vida findada antes do outro, que causa um desassossego, de ordem existencial, ao qual a saudade é inerente.

O que eu gostaria de ressaltar, por meio da interpretação deste documento, é a elaboração da ideia de que a particularidade da saudade é de ser um sentimento universal, pois "Todos os corações estão, sim, contaminados dessa enfermidade frequente. O proprio irracional sente, tambem, saudade. O monstro soffre saudade". Esta é a única frase, em todo o

texto, que a palavra saudade, nas duas vezes em que aparece, não está em itálico. Por que estabelecer aqui, em especial, uma diferenciação na forma escrita do termo? Seria este um recurso para discernir a terminologia, de cunho português e vinculada ao afastamento, da vivência da saudade? Afinal, todos sofrem saudade. Na sentença o monstro não sofre de saudade, mas antes ele a sofre, pura e simplesmente, como um estado permanente cuja única condição é a existência. Tal ideia me remeteu ao pensamento de Eduardo Lourenço, no momento em que filósofo escreve que não possuímos saudade, mas somos possuídos por ela, "Imersos nela, tornamo-nos outros. Todo o nosso ser ancorado no presente fica, de súbito, ausente. Sentimo-nos como um rio que deixa de correr e reflui para a nascente"⁹².

Assim, um caminho é trilhado no sentido de reafirmar um entendimento sobre a saudade, este sentimento sublime, cujo imanente desejo movimenta dor e felicidade. Bem aventurada denominação criada pelos portugueses, "que traduz tão pura e claramente um sentimento", sendo a mais autêntica das formas inteligíveis de designar um estado sensível, então, universal. Para além do racional e do irracional, a saudade existe e engloba todos os corações. Esta é mensagem que perpassa o texto.

Um detalhe, porém, demasiado relevante para minha interpretação, ainda se mantém em suspenso: a dedicatória presente logo no início do texto, "A minha cara Brasília". A cidade que é hoje referida como Brasília, capital do país, não existia em 1921 como tal, mas este nome indicava a atual Brasília de Minas, município do estado de Minas Gerais, que, nesse sentido, pode ser a localidade à qual a autora dedica toda esta manifestação, ao mesmo tempo discursiva e afetiva, saudosa.

A questão da cidade não é expressamente referida no corpo do texto, porém a dedicatória me permitiu visualizar o aspecto urbano em estreito diálogo com a sensibilidade saudosa, que se faz consolidar pela universalidade e, consequentemente, pelo desejo. Diferentemente de *A saudade portuguesa* de Antero de Figueiredo, o texto de Antonieta Villela constrói uma representação que engrandece o sentimento saudoso, e cujo desejo enfocado desperta não um desvencilhar, mas um sentir saudade, pela sua complexidade e intensidade, de forma a não lhe atribuir caráter paralisante, mas diverso e móvel. Dedicar este sentimento para uma localidade demonstra a relação afetiva que um indivíduo tem, ou quer ter, para com um espaço, e que, no caso da saudade, remete à um desejo de lá estar, voltar a ser o que um dia foi, ou até mesmo de lembrar os "dias idos" que lá se passaram. Qual seria a motivação da autora ao dedicar um texto, poético e sentimental, para um lugar? Seria a

⁹² LOURENÇO, Eduardo. Op. Cit., 1999, p. 32.

experiência do processo de modernização um catalizador das manifestações saudosas em relação aos rumos da cidade dando margem à um movimento de lembrar o passado com desejo? A saudade, nesse sentido, não seria um discurso de crítica frente às ideologias progressistas? Com base em minhas investigações, encaro a saudade sim como elemento que busca potencializar as transformações urbanas no sentido de tipo ideal de sociedade, afinal, segundo Sandra Mara Dantas:

Na cidade há um constante (re)construir e, como que na tentativa de renovação que se afigura como positiva, o impacto das transformações aparece como necessário para dar vida ao que se projeta.

O urbano pode ser pensado enquanto representação, o que significa dizer que a cidade real abriga em si outras cidades que não são menos reais que a que dispõe concretamente. A cidade abriga as utopias, as pulsões inconscientes, as vontades que vão se incorporando na trajetória histórica.⁹³

Seria então possível pensar nos termos de uma utopia saudosa em Uberabinha de 1920? Este debate literário e poético da saudade seria antes um discurso político-ideológico da e para a cidade? Retomarei esta questão, mas cabe ressaltar que esta representação, que me tocou por meio dos escritos do jornal *A Tribuna*, carrega em si questões que são propriamente sociais e históricas, que não se desvinculam de um debate fenomenológico em relação a este sentimento, mas que lhe conferem sentidos e significados específicos. Específicos de um contexto que deixa de ser rural para ser urbano, transformação esta que implica numa gama de novas ideias, discursos, projetos e sensibilidades construídos por e para os sujeitos que ali vivem. A cidade passa a ser palco de uma multiplicidade de meios buscando estabelecer lógica e estrutura para a realidade em constante transformação, e a saudade aparece como um dos sentimentos e signos para a edificação de um projeto urbano. Daí o cuidado em problematizá-la, defini-la e propagá-la. Em diálogo com o pensamento de Robert Moses Pechman, compreendo que existe um embate entre os desejos de cidade e os desejos na cidade, sendo este último, nas palavras do autor, "um lugar outro de indagação da promessa de cidade que não se sustenta mais no vínculo comunitário e abre espaço para que cada um a interpele não mais no uníssono coletivo, mas na voz individual"⁹⁴. A articulação do espaço urbano quebra com a possibilidade de discursos e projetos totalizantes e homogêneos, que tomam a sociedade como um todo, uma comunidade una, abrindo então espaço para o individualismo e para a manifestação de ordem particular, que é em si própria o desejo na

⁹³ DANTAS, Sandra Mara. Op. Cit., 2008, p. 21.

⁹⁴ PECHMAN, Robert Moses. "Utopias e desejos: dores e prazeres na cidade". In: *História e arte: utopia, utopias*. Maria Bernardete Ramos Flores, Patrícia Peterle (org.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, p. 142-143.

cidade, que, dessa forma, "remete agora à novas questões na atualização do desejo de cidade"⁹⁵.

Seria a saudade um desejo na cidade buscando atualizar o ideal de progresso, desejo de cidade? Este projeto de atualização seria articulado? Ou puro produto de manifestações esporádicas e individuais? O desejo mais uma vez se faz presente na reflexão em torno da saudade, para além de seu aspecto universal; aqui ele intensifica seu papel no movimento constante de crítica e reformulação daquilo que movimenta os sujeitos na direção de uma cidade do desejo, expressão de Sandra Mara Dantas⁹⁶. Com o empenho de melhor aprofundar sobre esta imagem que os indivíduos constroem sobre o fenômeno urbano, em especial no caso de Uberabinha por meio do jornal *A Tribuna*, exponho o texto de 19 de agosto de 1923 intitulado *Aspectos*:

Aspectos

Subi o ingreme morro que fica fronteiro á cidade e ella cá embaixo resplandecia toda illuminada e somnolenta áquellas horas caladas em que partiamos no silencio da minha humildade.

Por um instante estivemos contemplando aquelle aspecto interessante e de todos os pontos de nossa meditação surgiram as mais variadas occurencias como se daquelle cadelabro viessem boiando até meu pensamento todos os factos num leve fechar de olhos pelos annos que voaram como uma flexa selvagem. E tropeçava aqui e além, ora numa imagem evocadora, ora numa lembrança esmaecida, o pensamento solitário envolto no véo subtil da noite calida pelo soprar de uma brisa tenue como o respirar tranquilo dos justos.

Era a chronica mental da cidade antiga acordada pela força do novo aspecto que em nossa mente accordava rebuscando factos e cousas, a desafia-los, trsites e alegres, placidos e violentos, bons, maus, narraveis e inenarraveis, futeis, ou graves, na modelagem infinita da variedade kaleidoscopal.

Era alem o velho cemiterio. "Ella lá está. Parece-me que a vejo, ouço a sua tosse. oh! aquella mesma tosse de que zombei nos primeiros tempos quando ella se queixava... Vejo a ainda mais definhada... Depois o leito... o seu amor pela vida, as suas esperanças..." E um chouchar de beiços pondo termo a essa tela fúnebre receiosos de irmos até o epilogo mesmo em pensamento...

Mas já um outro aspecto surgia... Era o Paço Municipal. Primeiro a remoção de ossos e pedras, o estaqueamento, alicerces. Depois o edificio crescendo, a morte do seu saudoso constructor... Dahi a primeira avenida calçada, o casario antigo que a enfeitava, o Forum, o antigo deante do novo na imponencia da esthetica a recordar a humanidade da casinhola onde se reuniu tantas vezes o tribunal em julgamento. Os réos, os officiaes, jurados, promotores, advogados e sempre a mesma figura respeitavel de há trinta e tantos annos, outrora moça, depois mais velha, phase por phase, até que hoje, venerada, lá sobe a presidir a instituição que sempre foi honrada pelos chefes da família uberabinhense.

E lá, desfilavam a par de cousas e pessoas os factos: o Gymnasio com a sua excellent fachada a recordar outrotra o Colegio Mineiro; o grupo onde se aninham hoje quase seiscentas almazinhas implumes, as escolas isoladas; e um rosario de recordações distendia-se por sobre a cidade docemente adormecida lá embaixo, bem no colo desse vale onde deslisam as aguas marulhantes desse bellissimo rio tão claro e tão pitoresco.

⁹⁵ Ibidem, p. 143.

⁹⁶ DANTAS, Sandra Mara. Op. Cit., 2008, p. 31.

Tu dormias, por certo. Eu sonhava entretanto e em todo este sonho havia uma parte minhalma pairando sobre ti enquanto a outra dormia também no íntimo das cousas de aspectos indescritíveis. - A.⁹⁷

A assinatura, que se resume a letra "A.", mantém o anonimato do autor, mas ainda assim abre certo espaço para especulação. Poderia ser Antonieta Villela a escritora ocultada pelo símbolo? Acredito ser esta uma possibilidade, considerando a proximidade na forma de escrita, mas não poderia eu afirmar com certeza a autoria de *Aspectos*. Esta assinatura ainda se fará presente neste trabalho por meio da crônica *No cemiterio*, a partir da qual retomarei esta discussão buscando melhor desenvolvê-la.

O olhar para a cidade é o ato que perpassa todo o texto e simboliza a preocupação daquele lá vive, ou um dia viveu, para com ela. Preocupação esta que comporta em si o desejo e a lembrança, que ora se confrontam e ora se conciliam. A imagem construída inicialmente, de uma cidade iluminada, apresenta para o leitor um espaço que possui energia elétrica, um espaço modernizado e conseqüentemente que se formou deixando muitas lembranças, nas quais opacamente vivem outras formas de relacionamento e arquitetura. Esta cidade moderna, que "resplandecia toda illuminada", é representada por nosso narrador enquanto uma imagem engrandecida, de tal forma que o indivíduo é diminuído, lhe restando o silêncio de sua humildade. A individualidade aqui é reforçada em decorrência da multiplicidade e complexidade de estímulos próprios do universo urbano, no qual, inclusive, o tempo encontra sua metáfora na "flexa selvagem". Esta figura demonstra uma percepção linear de tempo, este que está em constante movimento e, por isso, foge de nosso controle e nossa vontade; sua rapidez deixa marcas visíveis na cidade e invisíveis nos corações citadinos.

Uma tônica é posta em foco e cuja reflexão se alinha a este exercício meditativo de pensar o passado e o presente da cidade: a questão da fragilidade da memória evocada. A dificuldade em trazer à tona as imagens que não mais se fazem aparentes resulta em sua forma obscurecida. A tentativa do narrador lhe proporciona fragmentos "esmaecidos" cujo contato com o novo lhe causa estranha impressão, assim como para o interlocutor. A relação entre a cidade do passado, a qual só temos acesso pelo problemático movimento da memória voluntária, e o novo aspecto, a cidade que então se apresenta, encontra seu ápice por meio do jogo, quase que um quebra-cabeça, de contraposição dos elementos que se transformaram, compondo "a chronica mental da cidade antiga acordada pela força do novo aspecto".

⁹⁷ 19/08/1923. Jornal *A Tribuna*, coleção Jerônimo Arantes, Anno IV, Uberabinha, NUM. 205.

O cemitério então surge! Este símbolo mesmo do passado, daquilo que se foi e não se faz mais presente, a não ser pela lembrança. Morte e passado são materializados na arquitetura urbana através do cemitério. Este espaço é recorrentemente referido no jornal, nas críticas ao descaso que muitos lhe atribuem, no seu estado superlotado, de forma a lhe reclamar maior atenção e meditas de ampliação⁹⁸. O que ocorreu, porém, ao longo do século XX em Uberabinha/Uberlândia foi um movimento cada vez mais intenso de transportar o cemitério para a periferia, acompanhando o ritmo crescente da cidade ao longo dos anos. Este processo não se deu sem críticas por partes dos cidadãos, que viam a estrutura física de seu meio urbano modificar, e seus mortos sendo colocados cada vez mais afastados⁹⁹. Este processo trabalhado no texto *Aspectos* também é problematizado por Sandra Mara Dantas. Segundo a autora:

O novo referencial da cidade iniciava-se no velho cemitério, que foi desativado e sua área destinada à construção de uma praça, a praça da Liberdade. Esse empreendimento esteve envolto em calorosa discussão, pois que a desativação do cemitério e a retirada dos túmulos foram feitos sob protestos das famílias mais religiosas e conservadoras, que chamavam o lugar de "campo santo". Todavia, o clamor pelo progresso foi mais vigoroso e, em projeto aprovado na Câmara Municipal, a praça foi escolhida para a construção do Paço Municipal, que abrigaria os poderes executivo e legislativo.¹⁰⁰

Nesse viés que se dá a referência, no documento, ao cemitério sendo desativado, afinal ele não mais comportava enterramentos e sua localização passa a ser extremamente requerida para a então construção de edifícios, da avenida calçada, do casario, do Paço Municipal, do fórum¹⁰¹, "o antigo diante do novo na imponentia da esthetica a recordar a humanidade da casinhola". Esta transformação da cidade acompanha também a transformação de seus cidadãos, pois a passagem do tempo é também, para o ser humano, o envelhecimento; estado este da vida em que se situar na sociedade, esta sociedade modernizada e produtiva, parece ser um desafio constante.

Por fim, uma imagem da cidade é construída. Enquanto o narrador, repleto de afeto e desejo, recorda espaços e pessoas, movimentando em si fatos e lugares que não mais existem, a cidade dorme. Esta cidade do presente está livre de qualquer angústia para com o passado,

⁹⁸ A exemplo, a nota de 6 de junho de 1920, logo no primeiro ano de publicação do periódico, fazendo o seguinte apontamento:

"Cemiterio

Nenhuma outra obra se nos afigura de maior urgencia que a ampliação do cemiterio, já adiada desde o anno passado. Está inteiramente esgotado o espaço para os enterramentos"

06/06/1920. Jornal *A Tribuna*, coleção Jerônimo Arantes, Anno I, Uberabinha, NUM. 39.

⁹⁹ Em diálogo com o pensamento de Norbert Elias (2001), o processo civilizador promove um exercício social de segregar a morte e o morrer, distanciando vivos e mortos.

¹⁰⁰ DANTAS, Sandra Mara. Op. Cit., 2008, p. 30.

¹⁰¹ O fórum foi construído em 1922 (ou seja, um ano antes da publicação de *Aspectos*) na Praça da Republica, atual praça Tubal Vilela. Informação disponível em: <www.uberlandia.mg.gov.br/2014/secretaria-pagina/23/320/secretaria.html>.

ela se encontra serena e a lembrança daquilo que não fez (ou melhor, não se quis) materializar resiste no interior das pessoas, "um rosário de recordações distendia-se por sobre a cidade docemente adormecida lá embaixo". Quão solitária não é esta condição do indivíduo na cidade? Como ele, sozinho, consegue lidar com as angústias da passagem do tempo? Da finitude daquilo que um dia viveu? Afinal, enquanto todos a sua volta parecem dormir, na sua insônia os fantasmas do passado lhe assolam o coração.

Apesar da saudade não ter seu nome referido no texto, já me sinto a vontade para afirmar que ela perpassa cada olhar em torno destas "cousas de aspectos indescritíveis". Ela é o sentimento em foco na relação, estabelecida pelo texto, entre o sujeito e a cidade.

2.3 - Saudade e progresso

A relação entre o desejo de cidade, simbolizado por seus projetos de progresso e modernização, e a saudade, sentimento definido e expresso através do jornal *A Tribuna*, demonstra certas críticas que esta direciona para aquele e vice-versa. Dois dos documentos que melhor expressam este conflituoso diálogo se encontram nos números 132 e 133 de publicação do periódico, das datas 26 de março e 2 de abril de 1922, respectivamente. Estas notas, de mesmo nome, dizem respeito à *Festa da saudade*, título este que inicialmente despertou meu olhar e me instigou a pensar os significados e propostas presentes neste discurso. No primeiro informativo lê-se:

Festa da saudade

Alguns intellectuais, que residem actualmente nesta cidade, projetam para o proximo dia 2 de abril, uma serenata encantadora que terá o nome de festa da saudade.

Para isso, contam de lindas senhoritas do set local, que declararão poesias, cheias de doçura e frescalando a um suave perfume de nostalgia.

Sabemos que tomarão parte, nessa bella festa littero-musical, os srs. Agenor Paes, Rosenvaldo Bernardes, drs. Erico Magalhães e Manoel A. de Castro Maldonado, que herdou de Paganini o seu lendario violino.¹⁰²

O papel desta pequena nota diz respeito à divulgação de um evento, no qual os holofotes estão voltados para a saudade. Este sentimento dá nome à "bella festa littero-musical", que se realiza com o intuito de colocar em foco, por meio de manifestações musicais e poéticas, a saudade, de forma que ela arrebate as ações e os sujeitos. Por que fazer uma festa da saudade em Uberabinha de 1922? O que motiva tal projeto? Este tem claramente definido quais são seus locutores e interlocutores: os intelectuais, em especial, os "que residem actualmente na cidade". A festa é programada por eles e tem confirmada suas presenças, seu apelo de participação é para seus iguais, afinal não é divulgado o local e a hora

¹⁰² 26/03/1922. Jornal *A Tribuna*, coleção Jerônimo Arantes, Anno III, Uberabinha, NUM. 132.

do evento. Daí que a função primordial da nota é antes de reforçar o laço dos intelectuais de Uberabinha para com a saudade, do que realmente de convidar os leitores. Estariam estes intelectuais atuando, por meio da *Festa da saudade*, no processo de construção de uma identidade coletiva que encontra seu signo expresso na saudade? Acredito que sim e que esta é a grande questão que caracteriza, não apenas este documento, os escritos sobre saudade. Nesse sentido, a nomeação dos presentes na festa é de extrema importância, afinal ela é a própria baliza que determina quem deve ou não participar. A exposição dos nomes, representados por seus vínculos com o universo da arte da literatura e adquirindo assim o status de intelectuais, barra aqueles que a eles não se identificam ou se relacionam.

Esta "serenata encantadora" tem seu charme autenticado pelo "suave perfume de nostalgia", que forma esta imagem do sentimento passando e integrando a todos os presentes. Esta relação entre saudade e nostalgia aponta para um determinado entendimento destes sentimentos que, na nota, se vinculam um ao outro dentro da composição desta identidade intelectual uberabinhense. Tal seleção, neste contexto, não é casual. Estes sentimentos direcionam um olhar para o passado, de forma que utilizá-los como signo de um grupo é o mesmo que lhes cultuar, em contraposição à um exercício social e político que busca cada vez mais expurgar os vínculos com o passado tradicional por meio da projeção para o futuro. Segundo Andreas Huyssen, a modernidade atribui certo aspecto negativo para a nostalgia, pois ela "se contrapõe às noções lineares de progresso ou até as solapa"¹⁰³. A partir deste pensamento, a saudade se vincula a nostalgia no sentido de lançar por terra as concepções progressistas? Para desenvolver este debate convoco para meu discurso a segunda nota de 2 de abril de 1922, dia em que se realizaria a "festa da saudade".

Festa da saudade

Estava anunciada, para hoje, a festa da saudade, que, infelizmente, não se pôde realizar. E isso, por um motivo muito simples e muito grave, ao mesmo tempo. Ella foi adiada, devido, não á crise financeira, que nos assobérba, não á crise de transporte que paralyza as fontes de produção agricola e pastoril, mas, só e simplesmente, em virtude da crise da saudade, no mercado das emoções.

E' que esse bichinho, que os portugueses baptisaram com o nome de saudade, tambem está sujeito áquelle phenomeno terrivel de carencia e exaustão...

O' Agenor, por exemplo, consumiu uma grande parte daquella mercadoria impalpavel, num soneto que enviou á "ilustração"; o Lycidio, teve as suas reservas exgotadas, com uma recente incursão no reino das musas, de onde trouxe, como lembrança, o "Espiraes", livro com que nos ameaça para breve; o Erico, de ordinario tão saudoso da terra natal e dos passados namoricos, está soffrendo de um terrivel esgotamento nervoso, produzido pelas locubrações semanaes a que o obrigou o "De vez em quando...". Quanto ao Vadico, este não podia tomar parte na festa, porque as saudades dos bons tempos de Bello Horizonte, estão se apagando,

¹⁰³ HUYSEN, Andreas. "A nostalgia das ruínas". In: *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Coordenação de Tadeu Capistrano. Tradução de Vera Ribeiro. 1ª edição. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014, p. 91.

mercê da aurora de melhores ainda, cá, na terra. Do Maldonado, temos a dizer que o seu violino famoso emudeceu, devido a uma doce missiva, que lhe veio abrandar os ardores de sua alma de artista apaixonado; quer dizer que, neste quinze dias, nós não podemos contar com elle, para uma festa da saudade.

Por tudo isso, fica adiada para quando o mercado se reabastecer dessa coisa subtil que existe, em doses variadas, na alma de toda a gente e que, devido á desvalorisação de nossa moeda sentimental, entrou numa crise desoladora...¹⁰⁴

O desfecho final da trama da "festa da saudade" é revelado: ela é adiada, ou seria melhor afirmar, ela é impedida. Impedimentos estes, simples e graves, que se intensificam ao longo do século XX e XXI, e talvez, por isso, a festa não tenha se concretizado jamais. A justificativa para a não realização da divulgada festa é, em traços poéticos, de um teor tragicômico reforçado pela brincadeira com a ideia de uma crise da saudade, que é então caracterizada pelo estado de carência e exaustão no qual o sentimento se encontra. Ora, mas o que seria isso? Simbolizando uma diversidade de fatores, "a crise da saudade, no mercado das emoções" é a expressão das angústias, dos desejos na cidade, que se confrontam com a realidade e com os projetos progressistas, desejos de cidade, nos quais a saudade não encontra espaço de manifestação.

O estado de carência e exaustão da saudade é então reforçado pela estagnação deste sentimento entre os intelectuais, que, de tanto senti-lo, parecem não mais dispostos a isso. Este é o principal motivo da ausência, em especial, de Agenor, Lycidio e Erico. Vadico, por sua vez, não se fará presente devido ao "apagamento" da saudade à "mercê da aurora de [tempos] melhores", cujo sentido faz clara referência ao ideal progressista que se confronta com os movimentos valorativos em relação ao passado. Estaria a intelectualidade uberabinhense se desvencilhando da saudade? Ao contrário, a brincadeira que se faz na nota é antes um recurso para mais uma vez construir uma identidade em torno da saudade, de forma a intensificar a autenticidade, o diferencial deste *ser intelectual*, que é ao mesmo tempo um ser saudoso, em um contexto no qual a saudade se encontrada frustrada, esgotada. A suspensão da "festa da saudade" e o aguardo "para quando o mercado se reabastecer dessa coisa subtil que existe, em doses variadas, na alma de toda a gente" demonstra a percepção, forte no jornal *A Tribuna*, do aspecto universal da saudade, e também a contrapõe a condição na qual a sociedade está inserida. Daí a metáfora do mercado, uma instância que influencia a vida de todos, e que, no caso, faz findar a saudade.

O jogo entre o desejo de cidade e o desejo na cidade se dá na esteira do controle das paixões e os impulsos naturais, assim compreende Pechman que, através da leitura e interpretação das obras de Hopper, afirma ainda ser este movimento "o desejo pedindo

¹⁰⁴ 02/04/1922. Jornal *A Tribuna*, coleção Jerônimo Arantes, Anno III, Uberabinha, NUM. 133.

passagem, a cidade estabelecendo os limites"¹⁰⁵. Tal concepção dialoga com a segunda nota sobre a "festa da saudade", pois, em outras palavras, o que estes intelectuais estão defendendo por meio da expressão de uma "crise da saudade, no mercado das emoções" é a exposição dos limites, e consequentes pressões para um autocontrole das pulsões, que a vida na cidade exerce sobre cada indivíduo. Em diálogo com a teoria de Norbert Elias, encontro neste documento uma crítica, a partir da saudade, à "toda a economia das paixões e afetos rumo a uma regulação mais contínua, estável e uniforme dos mesmos, em todas as áreas de conduta, em todos os setores de sua vida"¹⁰⁶, que em si caracterizam o processo civilizador.

Sob a perspectiva dos desejos de cidade, que apontam para uma crescente repreensão das condutas passionais humanas, a saudade teria um sentido pejorativo? Este apelo a aquilo que não se faz mais presente e que recai sobre uma sensibilidade intensa que pode tomar qualquer indivíduo encontraria sua contraposição aos ideais progressistas por ser acreditado da ordem do incontrolável? Este movimento de valorização da saudade por parte dos intelectuais através do jornal *A Tribuna* não seria um exercício de crítica à este processo opressor ao qual os indivíduos não estão alheios? A saudade aparece como signo de resistência e projeção no que diz respeito aos rumos da cidade, afinal este sentimento não é apenas o referencial inteligível da condição do ser no tempo, como também a representação de discursos e pensamentos atrelados a questões ideológicas e políticas. Assim, pude refletir como o constructo também tem muito a dizer para além daquilo que explicitamente diz, e no caso da saudade, tal abordagem me permitiu pensar como a apropriação deste sentimento, no contexto modernizador de Uberabinha da década de 1920, possui atributos particulares (de forma alguma homogêneos ou completamente desvinculados de demais representações) que em suma se caracterizam pela crítica à conjuntura ideológico-social por um viés que mescla questões existenciais e políticas. Nas palavras de Sandra Mara Dantas: "Contrariando o projeto político de cidade-progresso, nem todos os habitantes estavam preocupados com a imagem que demonstrasse modernidade e progresso. A satisfação de suas necessidade e desejos era prioritária"¹⁰⁷. Necessidade estas também de ordem existencial e sentimental, não apenas material. A saudade é a pura expressão disso!

Darei sequência a este debate por meio da crônica, já mencionada neste trabalho, *No cemitério*, de 7 de novembro de 1920, segundo ano de publicação do jornal. Este documento, que inspira o título deste trabalho monográfico, possui certo valor sentimental para mim,

¹⁰⁵ PECHMAN, Robert Moses. Op. Cit., 2013, p. 151.

¹⁰⁶ ELIAS, Norbert. "O Processo Civilizador". In: *Formação do Estado e Civilização*. Vol. 2. São Paulo: Zahar, 1995, p. 202.

¹⁰⁷ DANTAS, Sandra Mara. Op. Cit., 2008, p. 29.

tanto por seu conteúdo como por sua história dentro do meu processo de descobrimento do tema que então pesquisei, e que consequentemente foi também uma investigação daquilo que me encantava no fazer histórico, no meu ofício e como conhecimento de minhas angústias para com a passagem do tempo. A conversa entre os personagens desta crônica durante sua caminhada pelo cemitério foi de um impacto tremendo, e desde então a saudade passou a permear cada olhar meu para o mundo, como quem vive de despedida.

No cemiterio

- Vamos ao cemiterio.

Elle não me disse nada, partimos. A chuva cahia peneirando, o dia sempre triste, os fieis passavam.

Lá iamos. O nosso cemiterio é pequeno para os nossos mortos: não tem alas. Uma cidade sem alinhamento é uma cidade sem ordem. Ali pisam-se os mortos. Até vimos uma coroa de flores pisada. Um piso tinha afundado uma cova de anjinho.

- Que tem isso? – Dizia o meu amigo todo matrializado de uns tempos a essa parte.

- Ha pouco me repetia que o sentimento é que governa o mundo.

- Olha lá: vês aquella viuva que reza olhando para todo o lado? O seu defundo esta perdido aqui, ella não sabe onde.

Realmente a viuva rezava como para alguém que não estava alli. Os seus olhos pisados como duas petalas rubras piscavam sentidamente.

- Vamos ver os epitáphios.

- Este aqui é o de um medico estrangeiro. Morreu aqui em vespera de ir ver a familia que não via a trinta anos. Era na Itália que estava. Ouviu fallar alguma vez Raphael Rinaldi?

- Não. Mas o que tem isso?

- Era o medico dos pobres. Nenhuma flor...

- O povo esquece com facilidade.

- Tanta gente morta aqui e eu não sei onde estão.

- Pelo o que vejo gosta de visitar os mortos.

- Vamo-nos que isto daqui esta muito triste.

- Triste? Ora meu amigo, isto aqui está até divertido. Parece até a festa da morte; olha quantos rapazes, quantas raparigas risonhas como se estas cruces todas lhes invocassem um sonho! Quantos choram aqui? Conta.

- Um... Dois... Tres... Tres! Ah! Não: quatro contando com a viuva.

- Que viuva?

A que perdeu o marido, isto é, a sua sepultura: aquella.

E o meu amigo concordou. O cemiterio estava com um aspecto verdadeiramente alegre.

Que diferença! - dizia – Que diferença do cemiterio de minha terra: tudo de preto, phisionomias tristes, choros convulsos...

Passamos daquelle campo para outros mais distantes a recordar os finados de outros povos, outra gente.

- Olha: (dizia-me) a derradeira vez que estive no cemiterio de minha aldeia sofri horrivelmente. Era a ultima vez que o via, quem sabe? Não havia uma pessoa de branco. O dia estava como hoje. Havia uma cruz que ali via todos os annos, desde a minha infancia. Era a cruz que marcava a sepultura de meu avô. A madeira já estava estragada e um dos braços pendia trazendo consigo o vertice da madeira.

Ali choravamos todos os annos. Tu sabes de quem fallo. Nesse anno eu ali ia pela derradeira vez.

-Mas...

- Não, tambem tinha morrido. Estou aqui a olhar isto tudo e a ver o seu tumulo: ficava assim como aqui, num tope, perto da cruz quase tombada que vejo como se fosse agora.

E depois de um suspiro acrescentou: “tudo é sonho”.

Contudo os seus olhos cobriram-se de brilho e enrubreceram-se. As palpebras haviam se dilatado e o meu amigo insistia para que saíssemos dali.

Obedeci.

A chuva continuava. A noite descia e uma ou duas velas cuja luz broxoleava resistiam clareando o pequeno âmbito da sepultura em que se espetavam.

Perto, um pequeno cypreste quase morto chamou a nossa atenção.

- Por que será que não vingam aqui os cyprestes?

O meu amigo deu de ombros e continuou avançando para o portão como que guardando a minha pergunta.

Cá, fóra, ainda caminhou e depois:

- Não vinga porque é o símbolo da saudade e a saudade é uma coisa que não existe.

Não existe?

-Não. Nós o que retemos é uma recordação.

Mas que diabo? Sinto-me triste não sei porque...

Compreendi que não devia contestar naquele momento que a saudade existe.

Deixamos o cemitério.

A.¹⁰⁸

Ah! Ainda agora, lendo cada palavra, sinto-me arrebatado por esta estranha sensação que parece não caber ao peito de tanto desejo. Por que será que não vingam aqui os cyprestes? Por que sentir saudade é algo tão incompreensível? Tão particular para ser universal e tão universal para ser particular... este bichinho (como é referido na segunda nota da *Festa da saudade*) nos habita como também o habitamos. A condição em que cada ser se encontra é a mesma da saudade, porém denominá-la, caracterizá-la, problematizá-la, reconstruí-la a faz também saudade. O sentimento não é automático e lógico, sua flexibilidade possibilita a multiplicidade de experiências e entendimentos em torno de si, por isso que, nas palavras de Durval Muniz de Albuquerque Junior, "sentir saudade nem sempre significa sentir a mesma coisa, e nem sempre o que se sentiu como saudade em dado tempo e sociedade continua sendo saudade em tempos e espaços diversos"¹⁰⁹. Afinal, o que é então sentir saudade onde não se vingam os cyprestes?

No desenvolvimento de tal questão, antes, abro um espaço no qual buscarei direcionar um olhar minucioso à crônica, tanto para sua forma como para seu conteúdo, situando cada elemento dentro de uma estrutura interpretativa que me auxilie a compreender (e por que não sentir?) esta saudade infértil.

Este documento se evidencia pela composição da escrita verbal, com um misto de linguagem oral e literária, cuja narração em primeira pessoa acompanha os diálogos e interpretações particulares do narrador. Considero tal escrito como uma crônica em decorrência destes atributos temáticos, que se aproximam do interlocutor por se tratar de um fato cotidiano e familiar no que diz respeito a um passeio no cemitério da cidade; também devido a sua tessitura, de tamanho pequeno em relação a demais colunas e cuja estrutura o diferencia de um texto dissertativo ou de um poema; e por sua argumentação linguística que

¹⁰⁸ 07/11/1920. Jornal *A Tribuna*, coleção Jerônimo Arantes, Anno II, Uberabinha, NUM. 61.

¹⁰⁹ JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. Op. Cit., 2013, p. 156.

faz tocar o leitor por meio de uma identificação entre personagem, espaço comum e interlocutor. A língua original da fonte é o português, porém através da leitura, não só dessa como de demais fontes, pude observar como este português, de 1920 publicado em Uberabinha, é diferente do atual, de forma que a origem de nossas normas ortográficas repousam na modificação deste padrão que, em um primeiro momento, causa estranhamento, como é o caso do uso do "ll", "nn" e "ph"; a falta de acentuação em palavras que hoje possuem ("família", "cemitério", "viúva", "pálpebras", "infância", "alguém", "também", etc); a presença de acentos que não existem mais ("fóra"); e o uso de termos desconhecidos no vocabulário atual ("broxoleava", "matrIALIZADO"), mas cujos significados não são ignorados. Refletir em torno deste padrão da escrita me permitiu estabelecer certas conexões entre os estilos, seus pontos congruentes e divergentes, e a relação destes interstícios com a mensagem que é compartilhada.

Neste momento, gostaria de retomar a discussão em torno da assinatura e focar sua semelhança com a do texto *Aspectos*, já referido neste trabalho. A inscrição "A.", que não permite, de imediato, a nomeação do autor, possibilita certas indagações e suposições sobre a autoria de *No cemiterio*. A afinidade entre a abordagem temática e a forma da escrita destes dois textos é notável, o que me fez pensar que poderia ser o mesmo autor, o que ainda aproxima mais o debate em torno da cidade, da memória e da saudade. Neste caso, reforço a suspeita de ser Antonieta Villela a autora de ambos os documentos, porém também existe a possibilidade de ser outro escritor, inclusive muitos possuíam a letra "a" como inicial de seu nome, a exemplo o próprio diretor Agenor Paes, cujos escritos no jornal *A Tribuna* demonstram sua maestria retórica, conhecimento e preocupação com questões de ordem sentimental e urbana. A letra poderia ainda ser uma referência ao sentido de "anônimo", o que, de qualquer forma, se faz presente, uma vez que o autor, por mais que o texto permita especulação, não é identificado. No que diz respeito à este mistério do autor da crônica é necessária uma pesquisa mais aprofundada, mas uma questão de grande importância se mantém: por que não se identificar? O anonimato é uma simples ação desprovida de sentido? Ou é uma opção consciente de ordem política? A escolha de não ter o nome divulgado em um meio de comunicação, propagando determinada ideia sobre a sociedade e sua relação com a saudade, poderia ser um mecanismo de proteção contra eventuais críticas. Talvez esta temática seja delicada demais para se expor.

A data na qual a crônica foi publicada também é um elemento significativo para esta reflexão, pois considerando a característica da tiragem semanal do jornal *A Tribuna*, o dia 07 de novembro, em que se encontra *No cemiterio*, foi a primeira publicação após Finados. Este

evento, por sua vez, é sempre lembrado no periódico que lhe dedica belos textos reforçando a importância do culto aos mortos. Aqui, mais uma vez, fica evidenciada a aproximação entre saudade e morte, porém a crítica presente na crônica me fez pensar nessa relação sob outra perspectiva que não a da nota de falecimento, afinal o sentimento saudoso, diferente de sua manifestação nas legendas das coroas de flores, não encontra terreno fértil neste cemitério, nesta cidade, entre estes sujeitos.

No tocante desta discussão, faço aqui retomar os discursos e ideais progressistas, que marcaram a cidade de Uberabinha no seu processo de formação, oriundos dos anseios de uma classe economicamente dominante que busca reforçar sua hegemonia por meio da disciplinarização urbana. O jornal, neste contexto aparece enquanto um veículo de informação e formação moral e sentimental da população, daí que o periódico seja aqui compreendido como elemento de sociabilidade, que dá sentido e significado a vida social, porém nem sempre de acordo com estes discursos e ideais, afinal o limiar entre os desejos de cidade e os desejos na cidade não está claramente estabelecido, mas antes abre espaço para uma influência mútua. Em diálogo com estas considerações, analisarei a crônica *No cemiterio*.

O documento trabalha com questões a partir de uma conversa entre duas pessoas em um passeio no cemitério. Tal espaço aparece como lugar de trânsito de fieis, o que aponta para seu vínculo com a religiosidade. Esta possui condutas que são, ao longo da narrativa, colocadas sob o domínio da tradição, em contraposição ao presente. Daí o aspecto deslocado destes elementos que se revelam aos personagens ao longo do passeio pelo cemitério. Este, por sua vez, é, segundo a crônica, "pequeno demais para nossos mortos", averiguação esta que não é nenhuma novidade ao interlocutor, que constantemente lê no jornal *A Tribuna* reclamações em torno das condições deste espaço sagrado. A incompatibilidade da estrutura do cemitério em relação à da sociedade soa como um símbolo do embate entre significados e valores dos lugares dos vivos e dos mortos. A falta de ordem no cemitério atua como artifício de crítica à também falta de ordem na cidade, cujo intuito eloquente é de reforçar a necessidade de transformação, visando à melhoria, ou seja, um progresso, porém tal progresso defendido na crônica tem uma tônica diferente: inclui uma ação de memória que não rompe com passado, este é antes um complemento, um instrutor da sensibilidade respeitosa e intensa que se deseja no presente. A figura da viúva que "rezava como para alguém que não estava ali" também possibilita refletir essa questão no sentido em que sua desorientação pode ser interpretada enquanto resultado da perda física da pessoa, sua ausência constatada na realidade; da perda do local onde o marido foi enterrado; e da perda

do significado do além-mundo, de uma secularização que se expressa na fala "Tanta gente morta aqui e eu não sei onde estão".

Ao não saber o paradeiro é proposta uma elaboração por meio da memória. Ela atua como comportamento a ser tomado frente à avassaladora Morte. Assim, o culto, apontado como exercício que se esvai no esquecimento e por isso a crítica à falta de flores no túmulo de Raphael Rinaldi acompanhado da passagem "o povo esquece com facilidade", é glorificado por meio da lembrança dos sentimentos compartilhados na vivência da morte na aldeia, caracterizada pelo "tudo de preto, fisionomias tristes, choros convulsos". Em contraposição a este passado, o presente é a verdadeira "festa da morte", expressão que censura a indiferença daqueles cujo cemitério não lhes toca intensamente. A angústia deste cenário é marcada pelo questionamento da validade de estar no mundo e a afirmação, categoria essencialmente existencial da crônica, "tudo é sonho". Por fim entra a figura do cipreste como que para arrematar tudo em uma conclusão: este símbolo da saudade, então infértil no solo uberlandense, demonstra como o sentimento está sendo expurgado deste contexto. Este cipreste não é um cipreste qualquer, ele é aquele que não vinga; a saudade, seu significado, já é em si própria uma representação, para Uberabinha, de um sentimento em relação ao passado, de dor pela falta, de respeito, de querer recordar, mas que, assim como seu signo, não consegue vingar em uma sociedade desalinhada, insensível, sem vínculos com a tradição¹¹⁰, sem respeito para com aquilo que não se faz mais presente, enfim, em uma sociedade *blasée*, no viés do pensamento de Simmel¹¹¹.

A falta de terreno da saudade na cidade moderna se constitui com base na crítica, evidenciada por meio de um diálogo repleto de angustias, aos afastamentos (individuais e coletivos, de ordem moral, para com o passado) que se fazem visíveis em uma caminhada ao cemitério desta sociedade. Daí o recurso afetivo de relembrar o passado, um exercício de memória que dá sentido e significado tanto ao que foi vivido como aquilo que se vive e se projeta. Definitivamente, a posição do(a) autor(a) é de desconforto! Ele(a) se dirige aos sujeitos da sociedade, a qual retrata e critica, que vive a experiência da modernização e relega ao esquecimento as práticas do universo tradicional, por isso seus apontamentos inquietam aqueles que se despertam para a condição acomodada das concepções progressistas de tempo, de uma vivência de sensibilidade sufocada. O impacto maior parece se encontrar na

¹¹⁰ Tradição não como sentido oposto a aquilo moderno, mas como elemento que se situa no diálogo entre as dimensões temporais, repleto de desejo e movimento. Como bem escreve Bernardo Secchi: "a verdadeira tradição não se resume a ser testemunha de um passado superado, mas constitui força viva que anima o presente e lhe fornece informações." (SECCHI, 2006, p. 92 apud BRESCIANI, 2009, p. 22).

¹¹¹ SIMMEL, George. "A metrópole e a vida mental". In: *O Fenômeno urbano*. Otávio Velho (org.), Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

averiguação da inexistência da saudade, em seu sentido poético, irônico e metafórico. Ora, o que se quer com isso? Como a saudade não existe? Eu não sinto saudade? A resposta da crônica é clara: "Não. Nós o que retemos é uma recordação."

Saudade e recordação aparecem como polos opostos, no sentido em que o último designa ao relacionamento frio e objetivo com o passado, de uma memória selecionada, e o sentimento, por sua vez, é tomado enquanto aspecto afetivo e irreal; no texto ele se encontra eclipsado pela racionalização. Seria então esta a mensagem que o documento busca expressar? Ou seria mesmo o seu inverso? Nas palavras de Tania Regina de Luca: "O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa."¹¹². Nesse sentido, a própria crítica da crônica já é um meio de colocar a saudade em evidência. Tal enfoque, que se dá pelo viés da fragilidade do sentimento, aparece enquanto ideia e alternativa, que forma a opinião pública, em contraposição ao progresso entorpecente. É um artifício poético, pois antes de sepultar a saudade, a narrativa faz chocar o leitor, trazendo-a à tona, como o estandarte de seu discurso. Esta saudade é um além, não um retorno, mas desejo presente, um projeto de sensibilidade!

Para Huyssen, em qualquer forma de nostalgia "é difícil discernir entre o lamento sentimental de uma perda e a reivindicação crítica de um passado, com o propósito de construir futuros alternativos"¹¹³. Acredito que a saudade não seja uma forma de nostalgia, afinal suas especificidades têm sido veementemente discutidas neste trabalho e sua historicidade lhe dá independência ontológica, porém esta consideração mais uma vez aproxima a saudade da nostalgia, no que diz respeito a defesa da ação e da potência que estas experiências sensíveis comportam. É realmente uma tarefa difícil estabelecer o limite até onde vai a recordação para então dar início ao projeto social saudoso, talvez porque ambos os movimentos se trespasssem, demonstrando que a crítica é repleta de lembrança e de desejo, não como paradoxo, mas como dinâmica fundamental da saudade. Aqui, o pensamento da fenomenologia e da representação da saudade se encontram para reforçar aquilo que há de mais belo em uma ação sentimental: seu impulso! E por ação sentimental designo também o próprio ofício histórico, sua tradição intelectual, sua pesquisa, sua heurística, sua escrita...

No eterno movimento entre lembrança e desejo se encontram estes sobreviventes, resistentes ao tempo e comprometidos com sua função de significar a existência; história e

¹¹² LUCA, Tania Regina de. Op. Cit., 2008, p. 140.

¹¹³ HUYSEN, Andreas. Op. Cit., 2014, p. 94.

saudade dedicam suas críticas a tudo aquilo que aliena o ser humano de sua condição no mundo. Para finalizar com as encantadoras palavras de Durval Muniz de Albuquerque Junior:

Saudade e história são, pois, a luta a incessante contra o esquecimento, contra o tempo que ameaça de ruína um ser individual ou nacional que precisava ser reencontrado em suas manifestações mais autênticas, originais e primevas. Saudade e história falam das sombras do tempo que se apoderam das coisas e dos homens e as fazem inexistir, deslocam o foco de luz do presente para buscar, entre as brumas do passado, a silhueta, apagada pelo tempo, de um ser nacional ou pessoal que se desviou de seu caminho, que se perdeu nas trevas dos tempos. Saudade e história tornam reais aquilo que possuem já um halo de irrealidade, são memórias em estado puro, são memórias encandecidas pelo fogo das paixões, que dão novo calor às coisas frias do passado, infundem vida no que estava morto e apenas esperava uma mão para ressuscitar. Saudade e história são formas de suspensão do presente, consciente ou inconscientemente, voluntária ou involuntariamente, oferecendo o que passou como se existisse ainda e em substituição ao que existe. Saudade e história são filhas da imaginação, da capacidade de representar e encenar de novo o que existiu, de por de pé aqueles que tombaram por cada indivíduo ou pela pátria.¹¹⁴

¹¹⁴ JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. "As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história". In: *História e Sensibilidade*. Marina Haizenreder Ertzogue e Temis Gomes Parente (org.), Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 123-124.

3 – Da memória

3.1 - Memória voluntária e involuntária

Neste momento, o limiar entre desejo e lembrança se diluirá para um exercício intelectual de refletir os caminhos do sentimento, voluntária e/ou involuntariamente, através do "relembrar". Complexa é a mobilização de sensações que se dá quando o ser recorda acontecimentos do passado, em conversas com outros, no íntimo da solidão de cada um, visando a efetuação de determinada tarefa ou quando surpreendentemente algo do passado surge sem confidenciar suas intenções e suas origens... A memória, com a qual todo ser de tempo convive cotidianamente, possibilita viagens no tempo, porém este tempo não se revela por completo, nos permite acessar apenas momentos, ideias, recortes de um todo, que existe somente na abstração. Como a evocação de fatos passados não remete um tempo isolado de um espaço, este também se apresenta fragmentado pela memória¹¹⁵. A imagem de lugares não acompanha o conjunto no qual se situa, ele é especulativo à mente, de forma que mesmo que materialmente seja possível o retorno ao ambiente lembrado, este já não é o que uma vez foi, principalmente o ambiente que se reflete dentro do sujeito, porque ele próprio já não é mais o mesmo. Reflexão esta, em torno dos atributos do exercício de memória e da passagem do tempo, que se faz presente inclusive no pensamento clássico grego; e o que inspirou Heráclito de Éfeso a professar: "Ninguém entra em um mesmo rio uma segunda vez, pois quando isso acontece já não se é o mesmo, assim como as águas que já serão outras."

Tarefa difícil é desvendar os mistérios pelos quais a memória se acomoda no ser e possibilita a experiência do tempo sentimental incerto para com sua totalidade. Não há dúvida sobre suas artimanhas; basta ser humano para sentir a memória nos enganar, confundir, ludibriar, mas não haveria de ser diferente! Ela possui raízes no seu tempo, lança um olhar para o que aconteceu, mas se vale de valores, interesses, sentimentos próprios do universo pelo qual se desponha, seja este íntimo ou público (âmbitos não tão dicotômicos assim). Ela tem a dizer tanto sobre aquilo que recorda como sobre quem ou de onde é recordada. Porém, irrompe uma questão: o que leva à tamanha submersão neste movimento de articulação temporal e espacial que é o ato de memoriar? Qual força seria esta, capaz de estimular tão complexo processo de significação?

A memória, que orienta o tempo e o espaço da vivência sentimental, enquanto categoria analítica, carrega em si a dinâmica e complexidade dos olhares interpretativos sobre a relação do indivíduo para com o mundo em que está inserido. Neste sentido, ela pode ser

¹¹⁵ Sobre a relação entre tempo e espaço lacunares sob o viés da memória involuntária ver: POULET, Georges. *O espaço proustiano*. Tradução de Ana Luiza B. Martins Costa. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

abordada por seu caráter social e/ou involuntário, o que seria dizer que, as reflexões em torno da memória apontam tanto para a sua presença evocada pelo indivíduo como para sua presença inusitada. Ambas permitem a experiência humana no tempo sentimental, que não se desvencilha da realidade contextual com a qual se situa e se relaciona. Ora, talvez as memórias ditas voluntárias e involuntárias não sejam tão dicotômicas quanto o discurso elucidativo possa fazê-las parecer.

Na tentativa de construção de uma interpretação mais abrangente com relação à memória que possibilite a ampliação das reflexões em torno da saudade enquanto experiência coletiva e individual, universal e particular, considerando quais seriam as possibilidades de momentos de encontros e divergências em ambas as instâncias da discussão, tentarei decifrar alguns pontos em relação a memória social e a memória-erupção¹¹⁶, a começar pela primeira a partir da teoria do sociólogo francês Maurice Halbwachs da primeira metade do século XX. Este desenvolve o conceito de "memória coletiva" para refletir sobre os processos de (re)construções de representações socialmente forjadas com base no sistema constante de atribuição de significados ao universo a nossa volta. Em outras palavras, o autor lança um olhar para a sociedade e compreende que existe uma comunicação, entre sujeitos pertencentes de um mesmo grupo, de valores e ideias, atualizados no presente, no movimento de formação de entendimentos para com acontecimentos do passado. Assim como também existe, por outro lado, a obliteração dos mesmos. Aqui, memória e esquecimento seriam dois lados de uma mesma moeda. Moeda esta que opera sob o signo das relações sociais, ou melhor, nas palavras do autor, dos "quadros sociais de memória", ou seja, do ponto de vista de Halbwachs, através do vínculo dos sujeitos com as estruturas racionalizantes e comparativas da sociedade, lugar onde se expressam experiências e interpretações individuais em conflito ou coalizão, encadeia-se ou não, em bases sólidas, representações do passado dentro de uma lógica sócio-racional da memória, então compartilhada pelos membros da comunidade. Daí a ideia de uma memória que seja coletiva, mas que se mantém no mesmo sentido do elo entre os sujeitos e os quadros sociais, a partir dos quais é possível reconstruir a memória; sendo que, quebrado o relacionamento de um indivíduo com a sociedade, transforma-se ou perde-se as bases das memórias coletivas tais quais eram constituídas, com isso novos relacionamentos se estabelecem juntamente com novos encadeamentos sócio-racionais que proporcionam objetividade e estrutura para as lembranças dos acontecimentos passados. As antigas

¹¹⁶ A expressão memória-erupção é utilizada por Jacy Seixas (2001) em referência à memória involuntária, com base na leitura e interpretação da memória a partir da obra de Marcel Proust.

memórias-reconstrução caem no esquecimento. Assim se dá a dinâmica dos processos desenvolvidos por Halbwachs a partir da teoria de memória coletiva.

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de' dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aqueles e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.¹¹⁷

Halbwachs, sob esta perspectiva da memória enquanto reconstrução coletiva, enfoca na sociedade como universo pelo qual a memória encontraria as bases para sua elaboração, distanciando este meio da vivência sentimental. Segundo Jacy Seixas: "Suas reflexões vão atar umbilicamente memória e sociedade – devemos a ele a noção fundamental de memória social – e buscar compreender a memória como reconstrução do passado... o que não é absolutamente fortuito"¹¹⁸, ou seja, a memória operando somente sob o signo da reconstrução do passado remete-se aos quadros das estruturas socioeconômicas, da racionalidade e objetividade, que, segundo o autor, se diferem, por exemplo, dos quadros dos sonhos, pertencentes à emoção, à fragmentação. Nesse viés, a compreensão de Halbwachs pode ser nociva no sentido de dicotomizar o que seria real (memória, então social) e irreal (sonho), impossibilitando o diálogo entre a racionalidade e a sensibilidade na esfera da recordação. Qual seria o lugar do sentimento dentro da teoria de Halbwachs? Compreendido como pura reconstrução social? Como problematizar tais reflexões para compreender historicamente o sentimento, em especial a saudade, na memória social?

O conceito de memória coletiva desenvolvido pelo sociólogo francês é caro a minha análise. A partir dele, pude pensar na complexidade das relações interdependentes entrelaçadas em sociedade, e, conseqüentemente, no diálogo próprio entre as condições materiais de um contexto e as experiências dos sujeitos nele inseridos, porém não gostaria e muito menos posso relegar ou separar o universo imaterial presente na memória. Esta não poderia ser tomada unicamente como polo oposto do sentimento-erupção, do sonho, da descontinuidade, mas sim como lugar paradoxal de encontro dos anseios humanos universais e das características historicamente dadas. Tal consideração tem sido, neste trabalho, o ponto crucial de debate, no qual a saudade aparece como elemento chave de interpretação dos interstícios entre aquilo que perpassa e aquilo que se insere no tempo.

¹¹⁷ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter, São Paulo: Edições Vértice, 1990, p. 22.

¹¹⁸ SEIXAS, Jacy Alves de. "Halbwachs e a memória-reconstrução do passado: memória coletiva e história". *História*, São Paulo, v. 20, 2001, p. 95.

O ponto de partida da memória coletiva de Halbwachs não é um enfoque arbitrário ou inocente, este movimento colabora para um processo (tão bem consolidado no século XXI) em que a sociedade volta para si mesma enquanto única portadora da missão de explicar o passado, porém não para mitificá-lo, mas sim renová-lo, em uma atualização constante e efêmera em face de projetar o futuro. Seu instrumento legitimador: a história¹¹⁹. Na historiografia, a memória enquanto exercício humano existencial, sentimental, múltiplo e compartilhado cedeu lugar a memória coletiva totalizante e recalcada, voltada para a "unidade social", e a história se imbuíu do papel de sua analisadora crítica. Seixas escreve que "a historiografia elegeu a memória voluntária, desqualificando a memória involuntária como constituindo um terreno de irracionalismo(s) e, por essa razão, avessa à história"¹²⁰, porém aponta para escritos recentes que têm feito o esforço de reavaliar este quadro e considerar a história, como faz Durval Muniz de Albuquerque Junior também em relação à saudade, como instrumento crítico de elaboração do passado e não puro condicionamento desprovido de significado.

Tal contraposição ao pensamento de Halbwachs, que é então corroborada pela discussão em torno da memória involuntária, tem entre seus representantes o escritor francês Marcel Proust, que escreve, assim como o sociólogo francês, na primeira metade do século XX. Se a memória voluntária, como o próprio nome elucida, se constitui por esta construção evidenciada por uma vontade consciente, ou seja, aquilo que é lembrado é selecionado (com base em uma totalidade edificada nos quadros sociais) e acionado de acordo com os interesses em questão; por sua vez, a memória involuntária é aquela arrebatadora, na qual os sentidos despertam lembranças que não pertenciam à memória-reconstrução. Proust em sua obra *Em busca do tempo perdido* aborda a discussão em torno da memória, situando, logo no primeiro romance (*No caminho de Swann*), o caráter genuíno que o narrador atribui à memória involuntária, sendo esta lacunar tanto no tempo como no espaço, porém aquilo que ela evoca seria confiável, em contraposição a memória voluntária, tida como pura construção que nada conserva do passado em si.

Nesse sentido, retomo o célebre episódio da *madeleine*, no qual o autor retrata como, a partir de uma taça de chá, uma série de lembranças do passado emergiram do esquecimento. Tal passagem é por mim apresentada, pois demonstra o posicionamento de Proust frente ao entendimento e debate sobre a memória. O narrador conta como, após anos distante da cidade

¹¹⁹ NORA, Pierre. Op. Cit., p. 12.

¹²⁰ SEIXAS, Jacy Alves de. "Os campos (in)elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica". In: Razão e paixão na política. Jacy Alves de Seixas, Maria Stella Bresciani, Marion Brepohl (org.). Brasília: Editora da UnB, 2002, p. 74.

na qual vivera durante a infância (Combray), coube ao acaso, em um dia de frio, ser tomado por um intenso e inexplicável prazer ao levar à boca um gole de chá, no qual havia repousado uma *madeleine*, biscoito francês que tradicionalmente é feito com formato de concha. A sensação, para ele, "tornara indiferentes as vicissitudes da vida, inofensivos os seus desastres, ilusória a sua brevidade, tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou antes, essa essência não estava em mim; era eu mesmo. Cessava de me sentir medíocre, contingente, moral"¹²¹; tudo isso despertado por um gole chá! Como? "De onde vinha? Que significava? Onde apreendê-la?"¹²². O esforço que o autor faz para dar contorno a esta experiência sentimental parece frustrá-lo e, aos poucos, se esvai, dando lugar as angústias e pensamentos próprios de seu cotidiano, até que "de súbito" o mistério é revelado na sua mente: o sabor do chá com *madeleine* era tal qual tomava na infância com a tia. Então se desencadeia, em seu interior, uma série de lembranças que até então pareciam perdidas para sempre. Daí a concepção de uma memória involuntária cuja erupção é causada por estímulos exteriores, sendo que, no caso, o narrador, assim como qualquer indivíduo, jamais poderia evocá-la intencionalmente, ela está esquecida, porém pode vir a tona quando os sentidos a resgatam de forma surpreende e transformadora para com o sujeito que vivência tal experiência. Ela é o ponto chave na narrativa de Proust, que se posiciona no sentido de dar credibilidade às lembranças e sensações promovidas por esta memória involuntária, susceptível ao acaso, em contraposição à memória voluntária, que podemos buscar quando e onde quisermos. Proust escreve:

Acho muito razoável a crença céltica de que as almas daqueles a quem perdemos se acham cativas nalgum ser inferior, num animal, num vegetal, uma coisa inanimada, efetivamente perdidas para sempre até o dia, que para muitos nunca chega, em que nos sucede passar por perto da árvore, entrar na posse do objeto que lhe serve de prisão. Então eles palpitam, nos chamam, e, logo que as reconhecemos, está quebrado o encanto. Libertadas por nós, venceram a morte e voltam a viver conosco.

É assim com o nosso passado. Trabalho perdido procurar evocá-lo, todos os esforços de nossa inteligência permanecem inúteis. Está ele oculto, fora do seu domínio e do seu alcance, nalgum objeto material (na sensação que nos daria esse objeto material) que nós nem suspeitamos. Esse objeto, só do acaso depende que o encontremos antes de morrer, ou que não o encontremos nunca.¹²³

Assim como para Halbwachs, Proust também compreende que a memória voluntária é uma reconstrução atual do passado, porém se distancia do pensamento do sociólogo ao defender que este passado, tal qual o foi, pode ser novamente sentido, mas não voluntariamente, e sim por meio da erupção de uma memória (involuntária) que é repleta de

¹²¹ PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Tradução de Mário Quintana, São Paulo: Abril Cultural, 1982.

¹²² Ibidem.

¹²³ Ibidem.

sentimento. Aqui o sentimento adquire um novo olhar! Ele não está desvinculado do universo da memória, e esta muito menos se resume a uma construção coletiva. Podemos sentir o passado para além das totalidades racionalizantes da sociedade, porém desconsiderar a memória reconstrução em contraposição à uma credibilidade total da memória erupção, também não parece um exercício exatamente proveitoso.

Como então responder a questão: o que leva à tamanha submersão neste movimento de articulação temporal e espacial que é o ato de memoriar? Para Halbwachs seriam as condições materiais, coletivas, racionalizantes que direcionam a construção, manutenção e evocação da memória entre os indivíduos; por outro lado, para Proust, o genuíno ato da memória repousaria essencialmente no acaso de estímulos exteriores que promovessem no interior do sujeito a erupção de um passado vivenciado. Ora, Halbwachs e Proust, neste caso, são representações teóricas personificadas de um debate amplo em torno da memória e seus caminhos que apontam para duas abordagens divergentes: memória voluntária e involuntária. Porém, meu esforço é no sentido reconhecer o lugar de ambas as linhas, compreendendo e contrapondo-as. Assim, pensar o ato da memória é considerar que o indivíduo ou o grupo que o faz está sim localizado em um tempo e espaço que colocam questões específicas que se relacionam com as construções de ideias e representações próprias do passado, mas que este passado não é pura reconstrução, de forma que surpreende, torna sensíveis questões não necessariamente particulares do contexto, mas sim da alma humana, rompe barreiras materiais e cronológicas (no viés do termo dissociado daquilo que lhe é análogo), sendo que a própria concepção de tempo como rótulo de possibilidade tolhe a multiplicidade do viver. Como escreve Jacques Rancière:

Há história à medida que os homens não se "assemelham" ao seu tempo, à medida que eles agem em ruptura com o "seu" tempo, com a linha de temporalidade que os coloca em seus lugares impondo-lhes fazer do seu tempo este ou aquele "emprego". Mas essa ruptura mesma só é possível pela possibilidade de conectar essa linha de temporalidade com outras, pela multiplicidade de linhas de temporalidade presentes em "um" tempo.¹²⁴

Nesse sentido, memória voluntária e involuntária são conceitos historicamente construídos cujas concepções devem ser constantemente trabalhadas e questionadas em um esforço de melhor fundamentar o debate sobre a relação do indivíduo com o tempo. É de grande importância refletir sobre os laços em sociedade no processo de construção de sentidos e significados para o meio externo e suas transformações, porém sem desconsiderar como a fantasia, a sensibilidade e a universalidade não estão dissociadas e são formadoras

¹²⁴ RANCIÈRE, Jacques. "O conceito de anacronismo e a verdade do historiador". In: *História, verdade e tempo*. Marlon Salomon (org.). SC, Chapecó: Argos, 2011, p. 21.

deste movimento. Como escreve Seixas: "Pensar, enfim, o afetivo como um elemento na estrutura da consciência e não como um estágio na história dessa consciência, aí inserindo-se a consciência histórica"¹²⁵.

Maurice Halbswach e Marcel Proust são homens vivendo o final do século XIX e a primeira metade do século XX, suas ideias expressam concepções de contextos históricos, experiências de vidas, de relações específicas e em si carregam questões a cerca do tempo, das reações frente às transformações, das dificuldades de estar no mundo, bem como de se pensar e construir uma lógica sobre isso. De suas angústias e motivações deparo com algumas de minhas próprias, mas compreendo também um movimento sui generis de sujeitos situados em pleno processo de urbanização e industrialização, que então lançam um olhar para a memória com grande carga valorativa como quem busca um bote no violento movimento das ondas modernizantes.

3.2 - Memória e Sentimento

Sob este mar arrebatador, que violentamente separa um ser humano do outro, condenando-os à solidão do fluxo incessante das águas, reside a metáfora da condição da civilização moderna e industrial. Qual seria o lugar da memória e do sentimento nesse contexto? Seriam eles solapados em nome de um ideal racionalizante e progressistas? Ou, afinal, este terreno modernizado propiciaria novas experiências sentimentais e novas formas de relacionamento com o passado? Retomo a ideia de que a vida na cidade potencializa as filosofias das angústias existenciais. A saudade, *cousa que não existe*, vinga radiante enquanto *cypreste quase morto*, ou seja, é seu estado *terrível de carencia e exaustão*, sufocado pela vivência em um meio múltiplo, da *flexa selvagem* do tempo, que lhe dá *seductora particularidade*.

O exercício de memória, individual e coletivo, que se dá no meio urbano promove a expressão de sentimentos, que têm a função essencial de explicar a existência e as transformações da realidade para os sujeitos e os grupos sociais. A saudade é um elemento chave deste processo, uma vez que ela, em seus diversos discursos, situa as relações estabelecidas entre passado, presente e futuro, por meio da elaboração de críticas e horizontes desejosos. Este sentimento faz parte dos quadros sociais, dos sentidos e significados aprendidos e compartilhados em sociedade, assim como dos fragmentos de passados individuais, das relações interpessoais com entes que se foram, com espaços que não se

¹²⁵ SEIXAS, Jacy Alves de. Op. Cit. 2001, p. 105-506.

fazem mais presentes... Toda esta experiência possibilitada pela memória, que mescla, por meio de um olhar para a saudade, seus aspectos voluntários e involuntários. Nas palavras de Durval Muniz de Albuquerque Junior:

Ao apreendermos e aprendermos o passado não apenas temos com ele uma relação racional, mas também estabelecemos com ele uma relação emocional, emotiva, afetiva que [...] advém muito das próprias condições sociais e pessoais nas quais fizemos esse aprendizado. As condições presentes em que nos achamos ao contatar o passado têm o condão de dar a esse passado dado colorido, dados sentidos e sensações que marcarão indelevelmente a imagem que faremos desses tempos que se foram.¹²⁶

Lembrar é necessariamente movimentar determinados sentimentos na direção dos objetos que habitam o passado. Sentimentos estes cujos conteúdos são construídos pela coletividade, inspirados nas experiências pessoais e com apropriações políticos e existenciais. A saudade, neste trabalho, expressou anseios de grupos e autores específicos, de forma a demonstrar o uso do sentimento, através da memória, como denominador de momentos da vivência social, passível de evocação, e da individual, nem sempre disponível ao ato de recordar, que por fim são aspectos em estreito diálogo e intervenção mútua. Paul Ricoeur auxilia esta reflexão em torno da memória e do sentimento no sentido em que aponta para um elemento entre o eu e os outros, que perpassa e interliga estas instâncias, demonstrando o quanto fluídas são suas fronteiras; o autor dá enfoque na relação com os próximos, "a quem temos o direito de atribuir uma memória de um tipo distinto"¹²⁷, que parece operar justamente à luz da afetividade. Daí a ideia que Ricoeur trabalha da proximidade enquanto "réplica da amizade", e que, na minha análise, é o lugar no qual a memória saudosa se faz presente e intensa, pois na comunicação entre o eu e o mundo está o sentimento em relação ao outro, não um outro desprovido de significação sentimental, mas repleto desta, com o qual se quer compartilhar, manifestar, confrontar e reconstruir aquilo que interage entre as demais esferas da vivência humana no tempo.

O que gostaria de reforçar, por fim, é o papel essencial do sentimento enquanto elo de comunicação entre os aspectos particulares e sociais do exercício de memória. A saudade nas notas de falecimento se apresenta enquanto base de uma estrutural ritual que dá sentido e significado à morte e consequentemente reforça os vínculos dos membros de um grupo; neste universo a recordação é tanto íntima quanto pública, sendo a saudade uma ponte fundamental de ligação entre o eu, os outros e os próximos. A então definição do que é a saudade para a sociedade aparece como ponto chave de um debate que perpassa o processo de construção de

¹²⁶ JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. Op. Cit., 2013, p. 151.

¹²⁷ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François, Campinas: Editora da UNICAMP, 2007, p. 141.

sentido à passagem do tempo, tanto para o indivíduo, que envelhece e vê os seus envelhecer e partir, como para a cidade, cujas modificações na arquitetura urbana deixam marcas significativas nos corações daqueles que sentem se chocar com o avassalador movimento do tempo e do espaço. Assim, a articulação entre as três dimensões temporais (passado, presente e futuro) estabelecida pela memória, adquire sentido com a saudade; esta saudade sublime, universal, resistente, desejosa e, principalmente, polêmica. Ela dá certo colorido, para usar o termo de Albuquerque Junior, à realidade, chamando à cena, por meio de seus locutores, a sensibilidade como categoria social e política!

Considerações Finais – Da despedida

Em um primeiro momento da estruturação deste trabalho, reservei o espaço das Considerações Finais para expor minha hipótese em relação aos três aspectos que a saudade representa nos escritos do jornal *A Tribuna*, sendo estes: (1) elemento do ritual fúnebre de ordem obrigatória e significativa para o coletivo, (2) sentimento universal da própria vivência humana no tempo, e (3) signo da crítica social aos ideais progressistas que fazem parte do processo modernizador.

Este foi o encadeamento, mais ou menos fixo, que a princípio elaborei como esqueleto a dar base e direção para o desenvolvimento deste trabalho, porém o que pude perceber ao longo da escrita e interpretação das fontes foi como estes três níveis da saudade estão em constante diálogo, de forma que nenhum documento poderia ser tomado sob um único domínio. O elemento ritual é também expressão da perda, da passagem do tempo, da ausência e finitude, acompanhando uma vontade de a isso resistir e se opor, assim como as definições da saudade e a defesa de seu caráter universal atuam para um aprimoramento de seu aprendizado e uso em sociedade, que se refletem nas críticas à realidade e à morte. A memória, por sua vez, está imbricada em todo este debate; ela que possibilita o lembrar e o resignificar do passado, ação esta com contornos próprios do presente, de forma que desta relação determinadas projeções e desejos para o futuro são construídos. A complexidade que o estudo da saudade implica me fez refletir, para além da estrutura primeira, nos encontros destas “gavetas” temáticas que só existem no discurso.

A composição, com base no diálogo estabelecido entre diversos autores que refletem os aspectos próprios do processo de modernização, do imaginário de um contexto, nitidamente progressista, que influencia e é influenciado pelas sensibilidades, cujas fronteiras que separam o pessoal do social são extremamente instáveis, permitiu delimitar estes pontos de encontro e desencontros que tangem as manifestações e conceptualizações da saudade apontando para os interstícios e até mesmo falhas da estrutura tríade que a princípio desenvolvi. Se por um lado era possível interpretar as críticas de uma fonte em relação a certos aspectos da sociedade modernizada, por outro esta mesma fonte os legitimava. Se por um lado o periódico defendia a vivência da saudade, por outro ele a evitava. As contraposições dos discursos e olhares em torno deste sentimento foram essenciais para o aprimoramento da autocrítica que, por fim, se constituiu como consideração final desta monografia.

Por esta autocrítica não quero dizer o abandono por completo do esqueleto que tanto se modificou, mas antes entendo e reforço a necessidade dele se modificar ainda mais; ele

que é meu ponto de partida e de chegada. Do progresso, da saudade e da memória, assim como do ritual, da universalidade sentimental e da crítica à modernização eu vim; deles eu tentei me distanciar para que por eles não fosse engolida, mas a estrutura tem sua importância fundamental em cada palavra e ideia aqui presente. O esforço em tornar inteligível e lógica a experiência saudosa por meio da leitura e interpretação dos escritos do jornal *A Tribuna* da década de 1920 é falho e limitado, mas ainda assim um exercício histórico significativo.

Retomo, para finalizar, Sandra Mara Dantas, autora já mencionada e cuja leitura auxiliou as discussões sobre a ideologia no processo de modernização em Uberabinha. Ela compreende, com base em entrevistas feitas com antigos moradores de diferentes grupos sociais da cidade, que o progresso é um elemento que perpassa os relatos e condiciona a impossibilidade de certas expressões sentimentais no ato de memoriar. Segundo a autora:

Uma das primeiras atitudes dos entrevistados ao serem indagados sobre a Uberabinha/Uberlândia que conheceram foi realizar uma comparação entre seu momento passado e presente. O tempo da memória é plural. A memória não obedece a encadeamentos rígidos, nem se confunde com os acontecimentos, ela dá saltos temporais e os entrevistados, ao olharem seu passado, não manifestaram saudosismo. Fazem uma “ponte”, pois o que importa são o presente e o futuro.¹²⁸

Ora, sentir saudade seria do domínio único da valorização do passado? Nesse sentido, não sentir saudade significa então a “vitória” do discurso progressista? Teriam os ciprestes morrido de vez ao longo do século XX e XXI em Uberabinha/Uberlândia? A saudade aqui não é considerada como projeto político e social. O saudosismo que a autora faz referência parece se vincular ao sentimento de desejo de retorno, de nostalgia, da ordem do que se passou. Porém, antes de ser a contraposição ao progresso e ao futuro, a saudade é sua alternativa. Ela é um posicionamento, essencialmente afetivo, do ser para com o mundo. Preciso ainda me aprofundar nestes estudos e pretendo, mas o que até então ouse afirmar é que a memória é sim plural, fragmentada, passível de constructos interessados, e articula passado, presente e futuro constantemente, mas este ato não é desprovido de sentimentos, sentimentos apreendidos e nominados em sociedade, que são elementos essenciais de projetos sociais. Se a saudade deixou definitivamente de vingar no solo uberlandense, questão da qual ainda irei me ocupar, isso se deu após a percepção e crítica de sujeitos a este processo.

Escrever, sim, é perder-me, mas todos se perdem, porque tudo é perda. Porém eu perco-me sem alegria, não como um rio na foz que nasceu incógnito, mas como o lago feito na praia pela maré alta, e cuja água sumida nunca mais regressa ao mar.

Fernando Pessoa¹²⁹

¹²⁸ DANTAS, Sandra Mara. Op. Cit., 2008, p.44.

¹²⁹ PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. Richard Zenith (org.), 3ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 171.

Referências Bibliográficas

Fontes do arquivo

América Brasileira; 1924; NUM. 27 (Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin).

A Tribuna; 1920; NUM. 33, NUM. 39, NUM. 48, NUM. 61 (Arquivo Público de Uberlândia, coleção Jerônimo Arantes).

A Tribuna; 1921; NUM. 1?? (Arquivo Público de Uberlândia, coleção Jerônimo Arantes).

A Tribuna; 1922; NUM. 132, NUM. 133 (Arquivo Público de Uberlândia, coleção Jerônimo Arantes).

A Tribuna; 1923; NUM. 205 (Arquivo Público de Uberlândia, coleção Jerônimo Arantes).

A Tribuna; 1924; NUM. 263 (Arquivo Público de Uberlândia, coleção Jerônimo Arantes).

A Tribuna; 1925; NUM. 289, NUM. 277 (Arquivo Público de Uberlândia, coleção Jerônimo Arantes).

Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko, SC, Chapecó: Argos, 2009.

ARAÚJO, Ricardo B. de. "Ronda Noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.º 1, 1988. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/275>>.

ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente. Da Idade Média aos Nossos Dias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977.

ARRIBAS, Célia da Graça. *No princípio era o verbo - Espíritas e espiritismo na modernidade religiosa brasileira*. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-22012015-184049/pt-br.php>>.

BENSA, Alban. "Da micro-história a uma antropologia crítica". In: *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Jacques Revel (org.), Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BRESCIANI, Maria Stella. "A Cidade - Objeto de Estudo e Experiência Vivenciada". *R. B. Estudos Urbanos e Regionais*, vol. 6, n.º 2, novembro, 2004, p. 10. Disponível em: <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/article/view/113>>.

BRESCIANI, Maria Stella. "Cidades e urbanismo. Uma possível análise historiográfica". In: *POLITEIA: História e Sociedade*, Vitória da Conquista, vol. 9, n.º 1, 2009, p. 21-50. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/view/559>>.

BOTELHO, Afonso. *Da saudade ao saudosismo*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: Ministério da Educação, 1990. (Biblioteca Breve, vol. 118).

CATROGA, Fernando. "O culto dos mortos como uma poética da ausência". *ArtCultura*, Uberlândia, vol. 12, n.º 20, jan.-jun., 2010, p. 163-182. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF20/f_catroga_20.pdf>.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

- DAMATTA, Roberto. "Você sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil". In: *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 139-193.
- DANTAS, Sandra Mara. "De Uberabinha a Uberlândia: os matizes de um projeto de construção da Cidade Jardim (1900-1950)". In: *Uberlândia revisitada: memória, cultura e sociedade*. Diogo de Souza Brito, Eduardo Moraes Warpechowski (org.), Uberlândia: EDUFU, 2008.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes, 3ª edição, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- ELIAS, Norbert. "O Processo Civilizador". In: *Formação do Estado e Civilização. Vol. 2*. São Paulo: Zahar, 1995.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer*. Tradução de Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio de Filgueiras. *Cidade & História. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA:ANPUR, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Lília M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter, São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã, ou, Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva, São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção Os Pensadores).
- HUYSEN, Andreas. "A nostalgia das ruínas". In: *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Coordenação de Tadeu Capistrano. Tradução de Vera Ribeiro. 1ª edição. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014, p. 91-114.
- JODELET, Denise. "Representações Sociais: um domínio em expansão". In: *As Representações Sociais*. Denise Jodelet (org.), Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. "As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história". In: *História e Sensibilidade*. Marina Haizenreder Ertzogue e Temis Gomes Parente (org.). Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 117-139.
- JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. "Pedagogias da saudade: a formação histórica de consciências e sensibilidades saudosistas. A vida e o trabalho do poeta e professor português António Corrêa d'Oliveira". *Revista História Hoje*, vol. 2, n.º4, 2013, p. 149-174. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/95>>.
- KOSSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- LEVI, Giovanni. "Sobre a Micro-História". In: *A Escrita da História: novas perspectivas*. Peter Burke (org.), São Paulo: UNESP, 1992, p. 133-162.
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- LOURENZO, Helena Carvalho de; COSTA, Wilma Peres da (org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora UNESP, 1977.

- LUCA, Tania Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". In: *Fontes históricas*. Carla Bassanezi Pinsky (org.). São Paulo: Contexto, 2008.
- MAUSS, Marcel. "A expressão obrigatória de sentimentos". In: *Marcel Mauss : antropologia*. Roberto Cardoso de Oliveira (org.). Tradução de Regina Lúcia Moraes Morel, Denise Maldi Meirelles e Ivonne Toscano. São Paulo: Ática, 1979.
- NORA, Pierre. "Entre memória e história: a problemática dos lugares". Tradução de Yara Aun Khoury. *Proj. História*, São Paulo, (10) dez. 1993.
- PECHMAN, Robert Moses. "Utopias e desejos: dores e prazeres na cidade". In: *História e arte: utopia, utopias*. Maria Bernardete Ramos Flores, Patrícia Peterle (org.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, p. 141-167.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. "Em busca de uma outra história: Imaginando o Imaginário". *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Contexto/ANPUH, vol. 15, n.º 29, 1995.
- PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. Richard Zenith (org.), 3ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- POULANYI, Karl. *A Grande Transformação: as origens de nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- POULET, Georges. *O espaço proustiano*. Tradução de Ana Luiza B. Martins Costa, Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Tradução de Mário Quintana, São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- RANCIÈRE, Jacques. "O conceito de anacronismo e a verdade do historiador". In: *História, verdade e tempo*. Marlon Salomon (org.). SC, Chapecó: Argos, 2011.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da Morte*. 2.ed., Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.
- ROSSI, Paolo. "Sobre as origens da idéia de progresso". In: *Naufrágios sem espectador - idéia de progresso*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000
- SAMUEL, Raphael. "História Local e História Oral". *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH: Marco Zero, vol. 9, n.º 9, set. 1989/fev, 1990.
- SCHOPENHAUER, Arthur. "Da morte e sua relação com a indestrutibilidade do nosso ser-em-si". In: *Da morte; Metafísica do Amor; Do sofrimento do mundo*. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- SEIXAS, Jacy Alves de. "Halbwachs e a memória-reconstrução do passado: memória coletiva e história". *História*, São Paulo, vol.20, 2001, p. 93-108.
- SEIXAS, Jacy Alves de. "Os campos (in)elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica". In: *Razão e paixão na política*. Jacy Alves de Seixas, Maria Stella Bresciani, Marion Brepohl (org.). Brasília: Editora da UnB, 2002, p. 59-77.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SIMMEL, George. "A metrópole e a vida mental". In: *O Fenômeno urbano*. Otávio Velho (org.), Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

THOMPSON, E. P. "Tempo, disciplina do trabalho e o capitalismo industrial". In: *Costumes em Cumum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VAILATI, Luiz Lima. "Os funerais de "anjinho" na literatura de viagem". *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 22, n.º 44, 2002, p. 365-392.